

ILUSTRAÇÃO



CARNAVAL SERENO

(Foto artística de M. Alves San-Payo)



O MUNDO na MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

ACABA DE SAÍR

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a
cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

**dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado**

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de
estudo e de consulta que deve existir em
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O meu menino

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

As edições da Livraria Bertrand encontram-se à venda na Minerva Central, Rua Consiglieri Pedroso - Caixa Postal 212 Lourenço Marques

USE O CREME

Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA A BELEZA DA PELE



DÁ-LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

M.º CAMPOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

Preços de assinatura - Em virtude do aumento dos portes, do correio esta tabela anula a anterior

| | MESES | | |
|--------------------------------------|--------|--------|---------|
| | 3 | 6 | 12 |
| Portugal continental e insular | 30\$00 | 60\$00 | 120\$00 |
| (Registada) | 32\$40 | 64\$80 | 129\$60 |
| Ultramar Português | — | 64\$50 | 129\$00 |
| (Registada) | — | 69\$00 | 138\$00 |
| Espanha e suas colónias | — | 64\$50 | 129\$00 |
| (Registada) | — | 69\$00 | 138\$00 |
| Brasil | — | 67\$00 | 134\$00 |
| (Registada) | — | 91\$00 | 182\$00 |
| Outros países | — | 75\$00 | 150\$00 |
| (Registada) | — | 99\$00 | 198\$00 |

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A sair brevemente:

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

(CRÓNICA DA ALDEIA)

Nova edição ilustrada com 32 gravuras representando os personagens que figuram no filme «AS PUPILAS DO SENHOR REITOR» e uma carta prefácio de *Leitão de Barros*.

1 vol. de 332 págs., no formato de 26 x 18 1/2, esplendidamente impresso em bom papel, broc..... 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DO ILUSTRE PROFESSOR

DR. EDUARDO COELHO

- A finalidade da Universidade e o problema da Universidade Portuguesa (Conferência realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Fevereiro de 1934)..... 5\$00
- Trombose das coronárias e infarto do miocárdio (Estudo experimental e clínico)..... 30\$00
- O Professor Ricardo Jorge (Breve ensaio crítico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra) 15\$00
- A crise do pensamento contemporâneo e os problemas fundamentais da biologia e da psicologia (Conferência realizada na Faculdade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção da Associação dos Estudantes de Medicina)..... 7\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

AMBAS O QUERIAM



MAS SÓ UMA POUDE TRIUNFAR

Ele escolheu a mulher cuja pele era branca, suave e aveludada - o género de pele que todos os homens amam e admiram. Toda a mulher pode actualmente embranquecer, suavizar e embelezar, facilmente a sua pele, fazendo simplesmente uso todos os dias, do Crème Tokalon, alimento para a pele, cor branca (não gorduroso). Este creme contém actualmente creme fresco e azeite predigeridos combinados com ingredientes que embranquecem e tonificam. Penetra instantaneamente, acalma a irritação das glandulas da pele, fecha os poros dilatados, dissolve os pontos negros a tal ponto que desaparecem, embranquece e suaviza a pele mais escura e seca. Mantém fresca e numa ligeira humidade, mas isenta de

gordura, a epiderme mais ressequida. Convém igualmente a uma pele oleosa.

O Crème Tokalon, Alimento para a pele (cor branca) dá em 3 dias à pele uma beleza e frescura novas e indescritíveis e isto dum maneira impossível de obter de outro modo. Deverá usar-se todas as manhãs. Se a vossa pele está cheia de rugas e envelhecida V. deve também empregar o Crème Tokalon, Alimento para a pele (cor de rosa) à noite antes de se deitar.

Alimenta e rejuvenesce a vossa pele durante o vosso sono.

Procurar os Crèmes Tokalon nas perfumarias, não encontrando, pode dirigir-se à Agência Tokalon em Lisboa, Rua da Assunção, 88, que atende na volta do correio.

Minerva Central

**LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS**

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de **ESPAÑA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS**

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**
e de outras publicações

**Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário**

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO**

DE CARIMBOS DE BORRACHA

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

À VENDA

3.ª EDIÇÃO, AMPLIADA

ALTA RODA

POR

JULIO DANTAS

TITULOS DOS CAPÍTULOS:

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade
— Crianças — Suas majestades — Velocidade — O baile da
Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Sœur Jeanne
— A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos
— O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra
— A campanha de alarme — Paz amarela — A ultima via-
gem — Três gerações — O homem do cache-nez verde —
Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de
Santo Onofre.

1 vol. de 352 págs., enc. 17\$00

broch. 12\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SUCESSO DE LIVRARIA

O HOMEM DOS MIL SEGREDOS

ROMANCE

DE **ROCHA JUNIOR**

1 vol. de 232 págs., com capa a
côres de *Stuart*, broch. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTAVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro
Chagas. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por Edmundo de Amicis, tradução de Manuel Pinheiro
Chagas. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31x22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidissimo para liquidação dos poucos exemplares
que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR

ou

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

À VENDA

NOVIDADE LITERÁRIA

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR

ANTERO DE FIGUEIREDO

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS: O capote do Snr. "Mariquinhas" — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes "Gira" — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... embainhada! — O Barbosa de Sezins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . . **12\$00**
enc. . . . **17\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

À VENDA

NOVO MANUAL DO ELECTRICISTA

POR

HUGO PINTO DE MORAIS SARMENTO
Engenheiro de Máquinas e Electricidade pela Escola Superior Técnica de Mittweida

Um volume de 430 páginas com 246 gravuras, encadernado em percalina . . . **Esc. 25\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

ACABA DE SAÍR

A 5.^a EDIÇÃO DE

Crónicas imorais

POR

Albino Forjaz de Sampaio

1 vol. de 266 págs., brochado **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ANTERO DE FIGUEIREDO

| | |
|--|----------|
| CÓMICOS (Novela) — 276 págs., brochado | 10\$00 |
| DOIDA DE AMOR (Novela) — 276 págs., brochado | 10\$00 |
| D. PEDRO E D. INES (Romance) — 322 págs., brochado | 12\$00 |
| D. SEBASTIÃO — 464 págs., brochado | 14\$00 |
| ESPAÑA — Nova edição | no prelo |
| JORNADAS EM PORTUGAL — 404 págs., brochado | 12\$00 |
| LEONOR TELES (Romance) — 395 págs., brochado | 12\$00 |
| O PADRE SENA FREITAS (Conferência) — 64 págs., broch. | 3\$00 |
| RECORDAÇÕES E VIAGENS — 328 págs., brochado | 12\$00 |
| SENHORA DO AMPAÍRO — 292 págs., brochado | 12\$00 |
| TOLEDO (Impressões e evocações) — <i>Índice</i> : Viagens — A caminho — Chegada — "Plazas y plazuelas; calles e callejones," A Alcaçova da Saúde — As "Sabatinas" na catedral — Missa hispano-gótica — Lealdade lusitana — "El greco" — En "San Juan de los Reys" — Conventos — A Ponte de S. Martinho — O palácio de Fuensalida — Treva! — Certo púlpito! — Último dia, última noite — Volta — 226 págs., brochado | 10\$00 |
| O ÚLTIMO OLHAR DE JESUS — 375 págs., brochado | 12\$00 |
| A ARTE NA EDUCAÇÃO DA MULHER — (Conferência) Esgotado. | |
| MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO — (Discurso) Esgotado. | |
| MIRADOURO, Tipos e Casos — 320 págs., brochado | 12\$00 |

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de ser posto à venda

JOÃO DE BARROS

Pátria esquecida

NOTAS E ESQUEMAS

1 vol. de 212 págs., brochado 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

Estoril-Termas

**ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL**

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

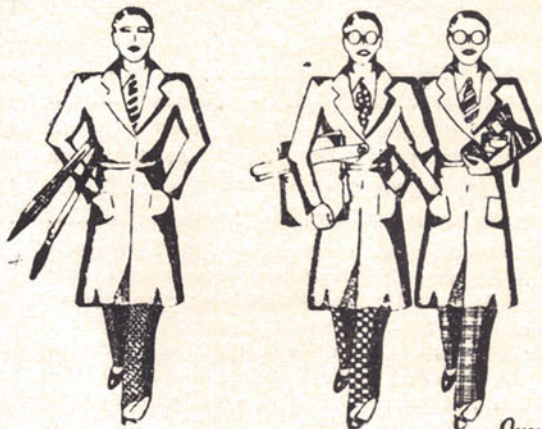


Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



Porquê?

Por que motivo sofre resignada das suas dores de cabeça, se toda a gente sabe que a Cafiaspirina é um produto de toda a confiança, absolutamente inofensivo para o organismo, e que rapidamente suprime todas as dores, por violentas que sejam?

Cafiaspirina



O PRODUTO DE CONFIANÇA

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

ACABA de decorrer uma quinzena vinícola. Falácias, andanças, concílios repetiram-se com insistência tal que o lisboeta começava a ver em cada transeunte dois vinicultores, e a desconfiar que a super-produção lhe subira à cabeça e toldara o juízo.

Há a registar a boa nova de que tudo acabou com felicidade e honra para as duas partes, govêrno e governados. Do linguarejo animado e violento resultou o mesmo que nos duelos usados há vinte anos; trocaram-se duas balas sem resultado. Ficaram as pessoas e as coisas no seu antigo lugar. Quer dizer, triunfou a sabedoria da nação com o voto, discretamente emitido e aceite de não se fazer nada.

Era a conclusão sensata, prudente, tal a ditada pelo bom médico quando depara com mal que não conhece.

No caso presente sabia-se apenas que muitos vinhateiros não conseguiam colocar o seu produto nas condições usuais de tempo e preço. Nada mais se garantia; pela palavra, nada. Tomar qualquer iniciativa para remediar um empeno de causa tão obscura, logo se vê como seria arriscado.

Ora aqui temos como o conselho dos interessados, juntos em segrêdo com os julgadores, escutadas as razões com calma, sem berreiro, nem aparato retórico, sem lágrimas a distribuir pelo ouvinte concluiu por achar esta ordem sábia acima de tôdas: «esteja quieto».

Muito bem. Louvôres à corporativa e à corporação que o tempo desenvolverá e adestrará no serviço que lhe compete.

Elogio bem merecido, tanto mais que na conjuntura conseguiu com espírito malicioso dissimular o excelente propósito com uns passes e encantamentos, destinados a aparentar movimento. Tal qual o que se precisava para consolar os insofridos.

Lembra o caso de um médico posto em frente de complexidade mórbida indeterminada a quem a família clamava:

— Havemos de ficar socegados, sem fazer tratamento nenhum, quando o doente se acha tão mal?

O astuto conhecedor da natureza humana meditou, concentrado, e recebeu: — Li há tempos num livro antigo a indicação de um remédio, aqui aplicável, que vamos experimentar. Atenção. Cenoura grande, gorda, descasca-se, corta-se em rodela fina; dispõem-se estas nos calcanhares em camada pouco espessa; segura-se com ligadura pouco apertada; muda-se no fim de dois dias.

A família cumpriu; e entretida a observar as melhoras deixou o médico tranqüilo no estudo da moléstia. Pois aconteceu que antes de chegar a perceber o mistério do corpo enfermo êle se sarou. Onde veio grande crédito às rodela de

CRÓNICA DA QUINZENA

cenoura na cura dos achaques da produção vinícola.

Perdão! Molesto era o homem, mas o certo é que a cenoura também se aplica em outras circunstâncias.

O conceito a recolher na dificuldade ocasional consiste no seguinte:

Enquanto se resam as jaculatórias recolhidas pelo Congresso contra a crise vinícola que neste momento nos incomoda, procede-se ao estudo metódico do problema produção-consumo, dentro das realidades existentes, ou de futuro, possíveis; parte-se de que para julgar com acerto há que ver o processo, e que para ver um processo há primeiro que organizá-lo, sem o que não é possível analisar-se e muito menos dar sobre êle sentença ajuizada.

Outro sistema vai contra tôdas as regras usadas na época científica e técnica em que o mundo civilizado entrou. Leis de inspiração a adivinhar, como as escritas pelos nossos avós geniais, dos tempos retóricos, deixaram de tomar-se a sério.

Outro acontecimento singular da quinzena, também registável como acto meritório foi a nomeação de Carlos Malheiro Dias, para Embaixador de Portugal em Madrid, com fundamento na sua qualidade de escritor.

Não é a primeira vez que acontece. Também Augusto de Castro, um dos maiores de língua portuguesa, obteve êsse preto, rendido à arte de apresentar pensamentos em forma bela. Ainda bem que o facto se repetiu para que notório ficasse o reconhecimento de uma superioridade por vezes obscurecida, ou encoberta à vista do público, a ponto de desconheçê-la, ou pô-la em dúvida.

Não esqueçamos que o nosso analfabeto, mesmo o que adrega ter cursado a universidade, manifesta a sua ponta de desconfiança rústica pelo siso de um lidador da pena, a tratar de cousas sérias. Para muitos o homem de letras, romancista, poeta, crítico de factos correntes, comentador de actos da vida pública e todo o que se ocupa a escrever com

certo apuro de linguagem, apresenta-se como pessoa irregular, fora da medida própria para altos encargos. Pouco menos que maluquinho, aplicado a bugiarias o considera essa turba-multa que não lê e não entende o que se escreve, ou lhe ignora o préstimo.

Agrada que do alto sôe, uma vez por outra, a voz poderosa a declarar o mérito dessa actividade, sempre desconfortante para o que em Portugal recebe da natureza a ordem imperativa de cumpri-la.

Foi um escritor compensado com prémio de vulto? Regosigem-se os restantes por verem o seu officio aceito como título de superidade e reconhecido com direito a auferir os atributos correspondentes.

A Itália começou a expedir tropas para a fronteira abissínia e com regularidade prossegue no despacho de milhares de soldados, devidamente equipados como se fossem para a guerra. Sabe-se que não é para fasê-la, mas para evitá-la, que se guem aos cincoenta, aos cem mil, quem dirá se dusesentos, ou mais. Que não a desejam é mais que certo porque não está provado que seja agradável para alguém a ocupação de matar e receber a morte com muitas penas e trabalhos.

Crê-se que a Itália não quer a guerra com a Abissínia. O que se afigura menos seguro é se a Itália quererá ou não a Abissínia.

Para ajuisar melhor é preciso olhar para o mapa e observar, de um lado a Eritreia, do outro a Somalia, na posição de dois queixos abertos, com um grosso marmelo entalado entre os dentes. O marmelo chama-se Etiópia, ou paiz dos abissínicos que são uns pretos como os outros da Costa d'África. Aqui é que reside o mistério.

Aquela atitude de bôca aberta não é cômoda para ninguém; pretender que a Itália a conserve indefinidamente seria demasiado. E depois são uns pretos, dos mais pretos que há no mundo; é também de considerar.

Por serem pretos não constituem povos como os outros?

Isso é outra cousa; é lá com a França e a Inglaterra. Só essas dão e tiram o direito aos povos de se governarem como entenderem.

Ninguém mandou os etíopes serem negros e andarem de tanga, condição que excita o gosto de civilisá-los, vem a ser ensinar-lhes a pôr camisa engomada, dançar o tango e dar tiros de metralhadora.

Se Mussolini aceitará ou não essa perigosa tarefa vê-lo-emos nas quinzenas próximas.

Samuel Maia.



Na forma dos anos anteriores, acaba de chegar Sua Alteza Agitadíssima, o príncipe Carnaval, cuja dinastia vem das desbragadas festas egípcias em honra de Osiris, segundo uns; ou das bacanais gregas e das saturnais romanas, segundo outros.

Quem o viu e quem o vê! Nem parece o mesmo. Apresenta-se como um soberano destronado, coberto de farrapos enlameados que teriam sido veludos opulentos e magníficos noutras eras. Continua a rir, mas unicamente pelo seu feito brincalhão, pela sua índole galhofeira.

Há muita gente assim... Lá por dentro, Deus sabe o que lá vai!

Grande é, pois a resignação do Carnaval que se digna aceitar alguns dias para fazer palidamente, ao abrigo dum apertado regulamento policial, o que todo o mundo faz durante um ano inteiro, sem leis repressivas, nem simples posturas municipais.

Tôda a gente — observe-se bem — procurando ser o que não é em tôdos os cargos da vida social, aproveita a quadra carnavalesca para se divertir com disfarces de tôda a espécie. Mulheres que se disfarçam de homens, homens que se disfarçam de mulheres; aristocratas que se mascararam de plebeus, e plebeus que se mascararam de aristocratas; nulidades chapadas que macaqueiam homens de génio, e homens de génio reduzidos à triste condição de nulidades chapadas!

Pobre Carnaval! Tudo isso é da mísera tradição humana, seja em Veneza, em Florença, em Nice, em Roma, em Munich ou em Colónia, que são as terras por

excelência dos mais famosos carnavais.

Na Idade Média houve mascaradas notáveis pelas suas tendências satíricas. Sob disfarces burlescos eram representados os próprios soberanos. Os vassallos, muitas vezes envolvidos em farrapos e outras em brilhantes europeus, imitavam a fala e as maneiras dos senhores para os ridicularizar por entre as gargalhadas da sempre farta assistência.

A Igreja Católica tentou em vão, por várias vezes, condenar os grosseiros divertimentos do

Carnaval, e assim resultaram ineficazes as Decretais publicadas contra eles, pelo papa Inocêncio III. Fracassaram também os próprios concílios «porque atacavam costumes tão antigos como arreigados nos povos.»

Durante êste curto espaço de tempo, a autoridade ficava inerte, a nobreza zombada e a policia impotente: os servos transformavam-se em amos.

Poderiam tirar tudo ao povo; tudo, menos o Carnaval.

Os reis, nequeles tempos reinavam mas não governavam. Nenhum soberano, nem mesmo aquêle que se sentisse mais seguro no seu trôno, teria ousado, nas proximidades da festa carnavalesca, ditar uma ordem demasiado autoritária, ante o receio de vêr estalar um grave conflito, cujas conseqüências ninguem poderia calcular nem prevêr.

O povo, nêsses dias, era soberano, e — rei do dia e rei dum dia — preparava, rindo e foliando, a emancipação violenta e terrível que veio a explodir em fins do século XVIII com a proclamação dos Direitos do Homem.

A Revolução Francesa.

Onde teve origem o Carnaval? Onde assenta a etimologia do seu nome? *Carnaval* ou *Entrudo*, como queiram.

Dizem que deriva dos vocábulos italianos *carne vale*, cuja expressão significa: carne, adeus! — que é como quem diz que se despeçam dos prazeres da carne, visto ir entrar-se no período quaresmal.

O papa S. Gregório aplicou o título de *Dominica ad carnes levandas* ao do-

CHEGOU O

Um príncipe destronado Que cada qual se disfarce

mingo anterior à Quaresma. Isto originou outra etimologia: *Carne levale*.

Quanto à palavra *Entrudo*, dizem uns ser corrupção de *introito*, visto ser, na verdade o introito dos piedosos dias de abstinência e devoção que se seguem aos da folgança desenfreada do Entrudo.

Outros, com mais verosimilhança pretendem fazer derivar êste termo do antigo castelhano *anruído* que tinha a mesma significação. Houve também quem supuzesse que o *entrudo* fôsse o mesmo que *intruso* pelos muitos excessos que nesta época do ano surgiam contra a decência e a gravidade dos costumes.

No entanto, seja qual fôr a origem dos nomes, o certo é que o que se faz neste período, em quasi todos os países do mundo, não passa duma imitação mais ou menos fiel das Bacanaís e Saturnais da Grécia, de Roma e do antigo Egipto, em que os homens e as mulheres, ao serviço do culto dos deuses, corriam as ruas vestidos extravagantemente com peles de animais e com o rosto enlameado do sangue das vítimas, ou de bôrras de vinho, entregando-se aos maiores excessos e descomposturas. Na França, especialmente, a cerimônia do *boi-gordo* recordava a procissão do boi *Apis*, observada pelos egípcios no equinócio da Primavera.

Em Roma, o Carnaval era um divertimento quasi nacional, em que o govêrno tomava parte, fazendo anunciar por salvas de artilheria a abertura e fim dos folguedos, e das corridas de cavalos que se realizavam nos últimos dias do Entrudo. O gôsto das mascaradas era geral em Itália, na Alemanha, na França, na Espanha e em Portugal. Tanto nas casas particulares como nos salões públicos e teatros eram organizados pomposos bailes de máscaras a que concorriam as pessoas mais distintas.

Ora, as máscaras carnavalescas têm na sua origem um carácter religioso-espiritual, ou seja o de derivarem do culto dos mortos. No princípio de cada ano celebravam-se as festas de Baco e de Saturno, sendo nessa altura invocadas as *larvas* ou os maus espíritos (os mortos) e havia a crença de que a melhor maneira

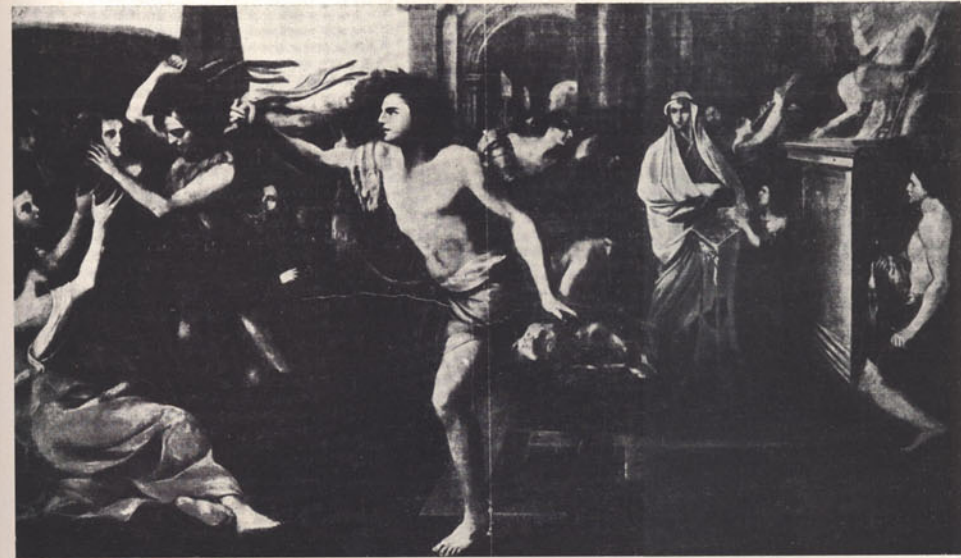
CARNAVAL!

e quasi irreconhecível daquilo que lhe apetece

de os apaziguar era antropomorfiçá-los. E então mascaravam-se, cobrindo o rosto com uma careta. O disfarce do Carnaval começou por isto.

De todos os Carnavais antigos, o que mais fama deixou foi, incontestavelmente, o de Veneza. Era posto tanto cuidado nas artísticas iluminações com lâmpadas de várias côres, tanto esmero na ornamentação luxuosíssima das gôndolas que desluzavam imponentes ao longo dos canais, que um tal cenário feérico e deslumbrante nos dava a impressão de termos sido transportados às regiões fantásticas das Mil e Uma Noites. Vem a propósito recordar que êste famoso Carnaval deixou também um rasto sinistro pela quantidade de crimes, conspirações e violências que foram cometidos nesses dissolutos dias.

Pela sua libertinagem também célebre o Carnaval de Florença de que nos dá uma ideia os cantos de Lourenço de Medicis.



As festas em honra de Lucina e do deus Pan, consideradas por vários historiadores como origem do Carnaval. Este célebre quadro de Pietro Benetti de Cortona, encontra-se no Museu Nacional de Pinturas, de Madrid.

Na Bosnia, o Carnaval durava quasi tanto como o de Veneza: desde o Natal até Quarta Feira de Cinzas. Como nessa época não havia trabalho nos campos, que se encontravam cobertos de neve, a mocidade divertia-se na mais estrondosa folgança.

No entanto, a nota mais simpática dêste Carnaval bosniano consistia na cerimônia da reconciliação. Aqueles que, durante o ano, se tinham desavindo, procuravam-se e abraçavam-se, dando a questão por terminada. Não queiram entrar na Quaresma, albergando nos seus corações sentimentos odiosos contra quem quer que fôsse. Praticavam assim, à letra, a máxima das Escrituras: «Se o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferenda, e vai reconciliar-te com êle».

Bom tempo era êsse!

Houve regiões onde se levava a efeito o enterro do Carnaval na Quarta Feira de Cinzas. Um boneco que representava o folião, era enterrado até o tronco, ao dar da meia noite de Terça Feira Gorda. No dia seguinte, enterravam-lhe mais um braço; no outro dia, mais um pedaço; e assim sucessivamente, prolongando, dias e dias, a grotesca cerimônia, como se tivessem pena de a vêr acabar tão depressa.

Em Roma, os «confetti», que tantos partidários contam em todo o mundo

civilizado, chegaram a ser substituídos por uma espécie de lamparinas, cujas torcidas se encontravam impregnadas duma essência especial para melhor resistir à acção do vento. Acesa estas lamparinas a que chamavam *moccoli*, todo o empenho de quem as empunhava consistia em a apagar a do visinho, mantendo a sua sempre acesa. Um divertimento que se desfazia em sopros e em riso.

Nada mais inofensivo...

No ducado de Hesse, e na antiga Veneza chamou-se a isto o entêrro de Baco. E assim terminava tudo pela morte dum rei ou duma divindade que tinha a sua dinastia vinculada indelevelmente nas famosas festas saturnais de há muitos milhares de anos!

Pobre Carnaval!

Acabas de chegar, e mal te conheço! Já não és o mesmo. Hoje, pobre príncipe destronado, o Carnaval é permanente. Não é precisa a tua quadra de disfarces e mistificações para que qualquer parvo se arvore em homem de génio.

E nós, os jornalistas, não queremos disfarçar-nos daquilo que já sômos há muitos anos, para nossa desgraça, visto ser-nos vedado o único disfarce que nos agradaria: «ser milionários mas a valer».

Passa, portanto, pobre rei grotesco... e cada um que se disfarce como quiser.



Carlos Malheiro Dias

O brilhante escritor Carlos Malheiro Dias a quem a Pátria tanto deve como cultor primoroso das letras e como paladino da amizade luso-brasileira, acaba de ser elevado ao honroso cargo de embaixador de Portugal em Madrid. Uma tão acertada escolha constitui uma verdadeira honra para todos nós. Tendo sido o embaixador ideal da mentalidade portuguesa no Brasil, vai sê-lo, de facto, na vizinha Espanha de tão nobres tradições.

FIGURAS E FACTOS

Navios de guerra Ingleses em Lisboa



A oficialidade da 2.^a flotilha ligeira da «Home Fleet» britânica de passagem por Lisboa, foi oferecido pelo comandante geral da Armada Portuguesa, sr. almirante Sarmento Saavedra, em banquete que decorreu com grande animação. Assistiram cerca de 50 oficiais das Marinhas britânica e portuguesa. O sr. almirante Sarmento Saavedra brindou pela Armada inglesa, respondendo-lhe o comodoro Holland com uma saudação á marinha de Portugal. A loira Albion sentia-se bem ao lado do velho descobridor.

Dr. João de Barros



O poeta encantador do «Anteu», o evocador genial da «Grécia, Musa do Occidente», o campeador excelso do «Caminho da Atlântida», o nosso querido dr. João de Barros, em suma, acaba de publicar mais um livro, uma nova maravilha.

«Pátria Esquecida» se chama e prova que «não há verdadeira grandeza onde falte e escasseie o amor da inteligência, e a plena e livre acção do espirito, que pode errar, mas nunca sabe rebaixar nem oprimir».

O novo livro do dr. João de Barros vai marcar um novo e grandioso triunfo literário a que o seu autor tem legítimo direito.

Exercícios de defesa fixa do porto de Lisboa



COM a assistência do sr. Ministro da Guerra, realizaram-se exercícios das baterias da defesa fixa do porto de Lisboa. Esses exercícios consistiram em fogos reais para alvos fixos e rebocados, sendo o resultado satisfatório, em especial no que respeita ao adestramento das guarnições. A nossa gravura da esquerda mostra o sr. Ministro da Guerra, acompanhado de oficiais-gerais, seguindo a marcha dos exercícios. A direita, o carregar dum obuz da bateria de Alpena (Trafaria). Dizem os técnicos que estes exercícios resultaram brilhantes e absolutamente profícuos.



Violenta colisão de veículos

UM desastre de viação aparatoso foi o choque ocorrido no Campo Grande entre um carro electrico lançado a tôda a velocidade e um camião que pretendia ultrapassá-lo. O acidente não teve felizmente consequências graves, pois só os tripulantes do camião sofreram alguns ferimentos. Mas os veículos ficaram no estado em que a nossa gravura reproduz.

Aquilino Ribeiro

O glorioso autor do «Jardim das Tormentas», «Via sinuosa», «Estrada de Santiago», «Filhas da Babilónia», «Terras do Demo», «O homem que matou o Diabo», «Andam faunos pelos bosques», «As três mulheres de Sansão», «A batalha sem fim», «Maria Benigna», «E' a guerra», e de tantas maravilhas dispersas por jornais e revistas acaba de ser eleito sócio da Academia das Ciências. Não felicitamos o novo académico que tinha merecido há muito esta consagração; felicitamos a Academia pelo novo membro que a dignifica e exalta.

CONHECEM V. Ex.^{as} a excelência da resposta que o malcriado Cambronne atirou à cara dos ingleses na memorável batalha de Waterloo?

Conhecem, temos a certeza. Pois é dessa frase que nos vamos ocupar, aproveitando estarmos em pleno Carnaval.

Embora os franceses tivessem gravado a famosa palavra no seu bronze mais querido, houve quem pretendesse modificá-la por esta frase retumbante: "a guarda morre, mas não se rende!", que ficaria fazendo mais bela figura nessa página memorável da história napoleônica.

Era linda a frase, mas Cambronne nunca a perfiou pela simples razão de não a ter proferido nunca. Preferia a verdade, isto é a famosa palavra que toda a gente conhece e que, assentando à maravilha numa festa carnavalesca, também não caiu mal nesse formidável momento de vida ou de morte.

Antes esse palavrão do que a académica frase engendrada por meia dúzia de sábios conspícuos e ponderados.

O mais interessante é que o valente Cambronne nunca protestou por escrito contra a heróica frase que os jornais, as memórias e as novelas lhe atribuíam, glorificando-o.

Mas também nunca a aceitou como sua.

Em Julho de 1815, sendo decorridos vinte e cinco dias após a famosa batalha, os seus companheiros de cativeiro em Ashburton felicitaram-no efusivamente por ter sabido mostrar bem alto a valentia dos franceses.

—Bravo! comandante! "A guarda morre, mas não se rende!" Magnífica resposta!

— "Sinto muito — respondeu Cambronne — mas eu não disse isso que me atribuem. Respondi outra coisa e não o que contam."

O comandante Heuillet referindo, como testemunha presencial, estes factos numa carta publicada em "La Sentinelle de l'Armée" de 8 de Setembro de 1844, acrescenta que os oficiais que se encontravam à mesa rogaram a Cambronne que confirmasse a sua heroica frase, quando mais não fosse pela honra do exército francês. No entanto, o bravo general persistiu na sua primeira afirmação.

Em 1821, respondendo em Lille às perguntas do tenente-coronel Magnaut, voltou a negar que tivesse dito semelhante coisa. No ano seguinte, em Dunkerque, fez idênticas declarações diante de várias pessoas. Anos depois, em Nantes, voltando a ser assediado com perguntas, respondeu solenemente:

— "Para que diabo insistem nessa estafada frase: "a guarda morre, mas não se rende", quando não foi proferida por mim? Disse algumas palavras — lá isso disse — palavras me-

nos brilhantes talvez mas de maior energia para a soldadesca".

E nada mais dizia. Maurice Duval, que o entrevistou, nada conseguiu de mais concreto, o mesmo sucedendo ao inglês Dikson, ao alcaide de Nantes e ao general Bachelu, em diferentes ocasiões.

Portanto, insistir em atribuir a Cambronne a estafada frase heroica, quando

Que disse Cambronne em Waterloo?

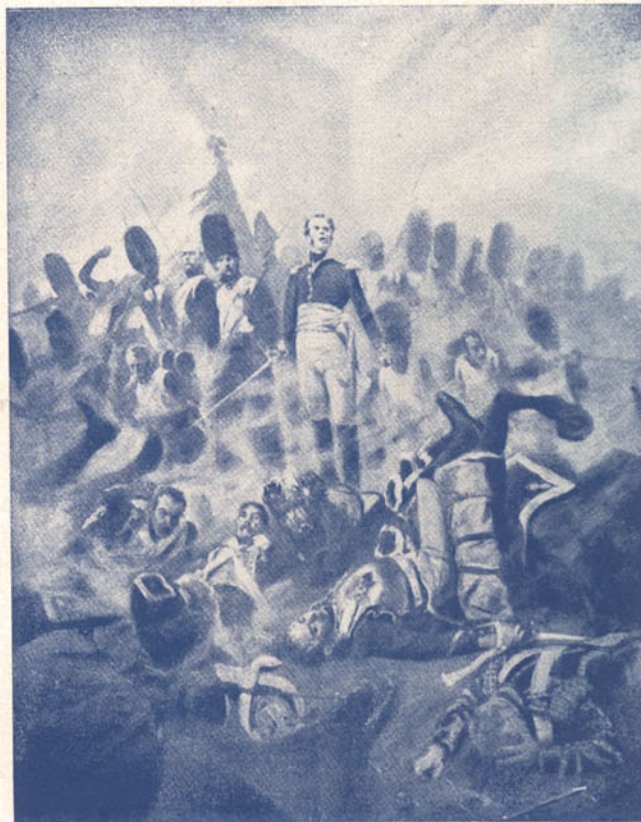
êle próprio tantas vezes a negou é tentar ser mais papista do que o papa.

Toda a gente sabe qual foi a verdadeira palavra que êle proferiu. Não a confirmou, mas também não a desmentiu.

E' bom notar que, tendo sido feito visconde por Luiz XVIII, Cambronne tinha o orgulho de ser bem educado e não podia confessar que lhe escapara uma palavra tão grosseira. Além disso, casara com uma dama inglesa que não queria melindrar nem na sua delicadeza nem no seu patriotismo.

Limitava-se a dizer que havia gritado "uma frase mais energica e mais própria de soldados". Naquele angustioso momento e com tal cenário um tal pala-

"A guarda morre, mas não se rende!"
(Quadro de G. Scott)



vão teve a retumbância dum cântico de guerra. Depois, em boa harmonia, se fôsse repetida entre as gargalhadas alvares dos curiosos, passaria a cheirar mal. Daí a relutância de Cambronne.

A primeira vez que essa palavra se tornou pública, embora sem ser citada textualmente, foi em 1834 no Dicionário dos contemporâneos, de Rabbe, tendo a meticulosidade do ilustre dicionarista provocado rijas polémicas.

Quem se apresentou mais claro e positivo foi o tenente-coronel Lemounier Delafosse que terminou com os rodeios e as redundâncias. Eis o que êle diz:

— "Falei com um soldado que se bateu em Waterloo junto de Cambronne e ouviu perfeitamente a palavra proferida pelo seu comandante. Quando os ingleses gritaram a êsse punhado de bravos que se rendesse, pois seria loucura sacrificar inutilmente vidas heroicas como essas, Cambronne tomou tal conselho como um insulto e ripostou com outro. Não disse a bela frase "a guarda morre, mas não se rende", que os académicos burilaram depois, na intenção de a fazerem gravar em bronze. O soldado, em homenagem à verdade e também porque achou mais própria a frase que o general soltou, de facto, desmentiu a rendilhada frase que inventaram depois.

— "Não, senhor — insistia o soldado — o meu general não disse essas coisas tão afidalgadas. O que êle disse e eu que ouvi foi: "M...!". Assim é que foi, tudo o mais é fantasia".

O general Brea diz que Cambronne lhe afirmara que "sem poder precisar os termos, enviára "àquela parte", os ingleses com uma expressão apropriada às circunstâncias".

A frase ficou, mas a autêntica. Rogeron de la Vallée, primeiro oficial de notário da viuva de Cambronne, deu-se ao trabalho de coligir documentos que teve a excelente ideia de publicar. Intitulou o seu trabalho "La vie de Cambronne", e alude, como não podia deixar de ser, à famosa frase do herói.

Se imaginarmos bem o episódio final da trágica batalha de 18 de Junho de 1815, e pensarmos bem no estado de alma em que devia encontrar-se o general Cambronne ante as insistentes intimações dos ingleses para que se rendesse, devemos convir em que a palavra em questão foi muito bem aplicada e, no dizer de Houssaye, estava psicologicamente certa.

E, agora, aqui para nós, caros leitores, a nossa vontade seria escrevê-la em tão grandes caracteres que envolvessem a Europa inteira. A muita consideração que temos por todos os que nos lêem é que nos inibe de a escrever com todas as letras, apesar da quadra carnavalesca que atravessamos.

DESDE que o mundo é mundo, as mulheres estão convencidas de que o seu maior triunfo consiste na beleza de que a Natureza as dotou.

Esta convicção continua a ser fortalecida por milhares de exemplos em que mulheres bonitas renderam aos seus encantos os mais prodigiosos heróis, ou salvando pátrias, ou fazendo desmoronar impérios. Vem sempre a propósito citar a acção de Helena, originando a destruição de Tróia, ou a audácia de Cleópatra, conseguindo chegar junto de Júlio Cesar, escondida num tapete, tão certa estava de que deslumbraria o vencedor das Gálias.

A mulher, revestida da sua beleza, avançava sempre para o perigo, confiada no seu triunfo, ou como a divina Afrodite que seduziu o pastor troiano encarregado da entrega do famoso pomo aureo, ou como a Frineia que teve artes de deslumbrar os juizes severos que estavam na disposição de a condenar à morte.

Pelo menos, era esta a sua convicção. As feias, essas lastimavam a sua desdita, e a tal ponto, que, ainda hoje, uma das nossas maiores poetisas, não se julgando na posse dos dotes físicos necessários para agradar a um homem da sua eleição, encerrava assim um primoroso soneto que poderia ser um grito de protesto, de resignação e amargura:

"Ninguém gosta de mim, nem tu sequer; Pois quem pensa no mal duma mulher Que desconhece a glória de ser bela?..."

Não gostas, não. Sou feia, tens razão... Se Deus, que é Deus, não teve compaixão, Os homens, que são homens, hão de tê-la?..."

E, no entanto, as feias possuem também os seus atractivos!

Houve mulheres horrosas que foram amadas tão apaixonadamente como a própria Psyqué não conseguiu do seu adorador Eros.

A duquesa Margarida de Caríntia, por exemplo.

A actriz Esme Bevilacqua numa magnífica criação da "duquesa feia".



Não se pode fazer uma idéa da monstruosidade dessa horrenda matrona que escapou às pinceladas do formidável Goya, o pintor por excelência das bruxas mais apavorantes.

Margarida de Caríntia nasceu em Innsbruck em 1318, tendo dado um grande desgosto a seu pai, o nobre duque Henrique, que se fazia passar por soberano da Boémia. A fealdade desta criança parecia um castigo do céu. Daí o chamarem-lhe "boca de saco", "focinho de camelo", e outros epítetos semelhantes.

Um dia, um primo da horrenda duquesinha, um tal Wittelsbach, não suportando que uma tal carantonha viesse tomar parte nos seus folguedos infantis, deu-lhe tamanho sóco numa orelha que a horripilante menina esteve de cama durante alguns dias. O caso provocou gargalhada, sendo o menino comparado a Perseu, o herói mitológico que deu cabo da terrível Medusa. Calcula-se a satisfação que este e outros factos semelhantes poderiam dar ao desolado pai de tal monstrosinho.

A pesar de tudo, conseguiu casar a filha, tendo ela apenas doze anos de idade, com o ingénuo príncipe João Henrique da Boémia que teve a desgraça de se apaixonar por semelhante mostrenço.

"Quem feio ama, bonito lhe parece." — lá diz o ditado.

Onze anos durou essa ligação que o



Uma gravura do século XVII, existente em Windsor, mostrando a horrenda matrona

pobre príncipe João Henrique considerou de verdadeira felicidade, enlevado na fealdade repulsiva da sua querida esposa. Esta, evocando talvez os recuados tempos da Messalina, tentava equiparar-se à celebrada mulher de Cláudio, não obstante faltarem-lhe os indispensáveis recursos de beleza.

Quando lhe falavam no exemplo da piedosa princesa Margarida da Hungria, filha do rei Bela IV e de Maria Lascaris, e que morreu com fama de santa na solidão do claustro, após ter recusado casar com o rei checo Ottokar, com o opulento Carlos de Anjou e outros príncipes que lhe cubicavam o dote e requestavam a formosura, a duquesa Margarida dizia desdenhosamente:

— Não vão os tempos para sacrificios. Vivo como sei e como posso. A minha tia Margarida da Hungria era uma doida a seu modo.

QUEM FEIO

A mais horrenda mulher foi amada como se possuísse os

E aturdia-se em toda a espécie de aventuras galantes, manifestando uma enorme predilecção pelos jovens e robustos camponeses do Tirol.

A cada um dos seus amantes, a repugnante dama concedia um pequeno estado ou baronia, sendo este o motivo de muitos nobres daquela região descendem em linha recta dos sádios campônios favoritos da duquesa.

O pobre marido, que idolatrava tal mulher, suportava todas as baixezas e deixava livre curso a todos os caprichos.

Gostava dela com tal cegueira que até os mais feios actos lhe pareciam inocentes folguedos!

Um dia, tendo ido o príncipe João para a caça, ao regressar, encontrou fechadas as portas do palácio e um recado da esposa que lhe recomendava o afastamento imediato e que não tornasse a aparecer nos seus domínios. Grande foi a mágoa do infornado marido. Nada perdia, é certo, dos seus bens que ainda se encontravam seguros na mão de seu pai, mas fazia-lhe falta a esposa querida que era a indispensável companheira da sua existência...

Acitou resignada a sua sorte, a sorte de tantos...

Que teria acontecido? O potentado Luiz da Baviera, chefe do Sacro Romano Império, ambicionando os domínios da duquesa Margarida de Caríntia, procurou a melhor forma de separar os esposos. Na primeira oportunidade fez a apresentação do filho que, como seria de calcular, cativou logo a duquesa.

Dito e feito. O marido, ao voltar da caça, encontrou a porta fechada e a recomendação de ir procurar vida por outro lado.

A duquesa casaria com o esbelto Luiz da Baviera — e estava o caso resolvido.

Por sua vez, o Papa é que não estava disposto a conceder a indispensável autorização de divórcio. Numa tal conjuntura, a duquesa não vacilou um momento. Se o Papa não lhe concedia a anulação do primeiro casamento, passaria a casar-se em segundas núpcias por sua conta e risco.

Assim se fez. O imperador bavaro impôs também o seu enorme poderio, tão interessado estava em casar o rapaz.

Correu uma espécie de processo de divórcio que resultou muito mais escan-

AMA...

que existiu no Mundo encantos da Venus destumbradora

daloso do que o promovido, três séculos depois, contra o nosso desventurado Afonso VI. Dois famosos escritores tirolezes dedicaram numerosos volumes a este escândalo, e embora o tivessem feito discretamente, servindo-se da língua latina, ha episódios que não podem ser dados à estampa nos tempos que vão correndo.

Ha coisas que não podemos reproduzir, visto os olhos e os ouvidos do século XX não estarem acostumados a vêr e a ouvir como os do século XIV.

O que podemos garantir é que as levandades e refinamentos desta horrenda duquesa teriam emudecido de assombro o próprio Juvenal que tão rudemente castigou a pobre Messalina que era um anjo ao pé desta duquesa caríntia!

Na altura precisa, o imperador Luiz da Baviera, arrostando com a excomunhão papal, obrigou o capelão do palácio a casar os noivos.

— Senhor, mas a excomunhão de Sua Santidade? — tartamudeava o aflito sacerdote.

— Ou os casar ou morrer! — rugia o potentado — nos meus domínios quem manda sou eu!

E, puxando da espada, forçou o capelão a subir ao altar-mór, onde os noivos o aguardavam.

— Cumpra-se a vontade de Deus! — gemia o padre em tal apoquentação que lhe custava a dar com o latim do ritual sponsalício.

Por fim, ou melhor ou pior, a duquesa Margarida de Caríntia estava casada com o príncipe Luiz da Baviera.

E — caso curioso! — o novo marido passou a afeiçoar-se profundamente

João Henrique da Boémia, o marido da "duquesa feia"



A duquesa Margarida de Caríntia, segundo o retrato feito por Matsys

àquela horrorosa mulher, como se ela tivesse qualquer dom maravilheiro, invisível e profundamente irresistível!

O Papa, decorridos dezoito anos, concedeu a sua benção a este casamento feito contra sua vontade. Desta união nasceu um menino que tomou o nome de Meinhard V.

Um belo dia, a duquesa enfastiou-se do marido e decidiu suprimi-lo, usando os conhecidos processos de Locusta.

O esposo, após o jantar, sentiu-se gravemente enfermo, morrendo dali a poucas horas. O veneno propinado era dos que não perdoam.

A duquesa desejava voltar a governar, mas, como o seu filho tinha atin-

gido a maior idade, as rédeas do poder deveriam ser-lhe confiadas. Novamente o veneno prestou os seus serviços, e o pobre rapaz, na flôr dos vinte anos, desceu à sepultura para satisfazer os caprichos da desnaturada mãe que tivera a desgraça de conhecer.

O mais interessante é que o primeiro marido — o triste João Henrique da Boémia — voltou mais apaixonado do que nunca. Andara curtindo a sua paixão por montes e vales, e nunca se esquecera da sua idolatrada ingrata que seria feia para os outros, mas para ele continuava a ter os encantos duma Circe deliciosas.

"Quem feio ama..."

Não devemos querer mal ao pobre homem. Sempre assim foi e ha de ser... E' a vida!

PARA conhecer uma cidade em todos os seus recantos é necessário viver nela, pelo menos alguns meses. Quem viaja faz em geral um largo programa e percorre num ou dois meses, uns poucos de países. Não pôde haver maior erro.

Se há cidades modernas que em poucos dias se ficam conhecendo ou pelo menos fazendo uma ideia do que são, outras há que pelos seus inúmeros monumentos, pela sua história, pelos seus museus, por tudo o que contêm de interessante em si, necessitam duma demorada visita.

Entre tôdas as cidades que conheço, Roma é a que mais tempo precisa para ser vista. Por tudo, é Roma uma das mais interessantes cidades da Europa. Para os latinos mais do que para qualquer outro povo, Roma, representa o berço da raça. A sua história, a religião, a arte atraem a Roma milhares de forasteiros, mas a maioria pouca demora e parte com uma falsa ideia da Cidade Eterna.

Roma à primeira vista não agrada, mas depois de se estar quinze dias é já enorme o interesse que sentimos por essa cidade. Stendal dizia que quem está oito dias em Roma parte detestando-a, quem está dois meses, sente por ela a maior ternura, quem está seis meses tem de passar o resto da sua vida na cidade sedutora.

E se não é bem assim, a verdade é que, quem faz uma longa estadia em Roma fica tendo sempre uma deliciosa recordação da histórica cidade.

Em Roma há interesses para todos. Ruínas históricas da maior beleza e do maior interesse. Para os católicos Sua Santidade o Papa, S. Pedro, Santa Maria Maior, S. João de Latrão, S. Paulo, Santa Inez e tantas e tão numerosas igrejas, verdadeiras obras de arte e de tão devotas tradições.

Museus e galerias particulares duma beleza e dum encanto únicos. O Museu Vaticano duma grandiosidade inexcidi-

vel. As galerias de escultura. A biblioteca com a sua incomparável coleção de primitivos. A Biblioteca Vaticana duma sumptuosa originalidade, e tantas maravilhas que há para ver, que se não po-

A ponte nomentana em Roma

dem ver em dias nem mesmo em meses para serem vistas como deve ser.

Roma que à entrada nos parece feia começa a enredar-nos nos seus encantos a atrair-nos e a despertar tôda a nossa curiosidade, pela história, pela arte, por tudo o que é belo e interessante na vida.

Roma é a melhor lição que se pode ter na vida e é uma das cidades, da Europa, que é indispensável visitar a quem nas suas viagens além do divertimento, procura adquirir conhecimentos e aumentar a sua cultura.

Mas para conhecer bem a cidade para nos impregnarmos do seu espírito para lhe saber ver as suas belezas e sentir vivamente o seu encanto é forçoso demorar, procurar-lhe os cantos que maior interesse têm e saber vê-la.

Depois de alguns meses da minha estadia em Roma numa deliciosa tarde de Agosto, daquelas raras, em que o calor não calcina as pedras e não traz esbrazeadas as fontes, dei um dos mais lindos passeios que em Roma se podem fazer.

Várias pessoas amigas me tinham perguntado se eu conhecia a ponte Nomentana. Um lindo passeio que um célebre romance de Gabriel d'Annunzio "Il Piacere," tornou célebre.

E assim a minha curiosidade despertada pela descrição literária e tão artística do grande escritor e pelo que todos me diziam aproveitar essa linda tarde e fui numa "carrozzella," Via Nomentana fóra.

A Via Nomentana é uma das largas avenidas dos bairros novos de Roma. É

ali que se vêem as mais belas "villinas," rodeadas de jardins. Entre elas a "Villa Saboya," habitada pela família real na sua vida simples e patriarcal. Passei por Santa Inez fóra de Muros, a basílica que dá entrada a duas das mais interessantes catacumbas romanas, que eu quis visitar mas não consegui, no meu horror a tudo o que é subterrâneo.

Ao fim dessa comprida avenida da Roma elegante, começa a estrada poeirenta, ladeada de árvores, uma estrada que me fez saudades de Portugal, tão parecida é com algumas das estradas dos arredores de Lisboa.

Aos lados estende-se a "campania," romana tão interessante na sua monotonia, quebrada por velhas ruínas de onde a onde, e ao longe por um pinhal em que sobressai um enorme pinheiro manso, como um grande guarda-sol que abrigasse as pequenas árvores à sua sombra.

Na volta da estrada surgiu e surpreendeu-me a velha ponte Nomentana, estrada obrigada para quem vinha do Sul na velha urbe dos romanos.

A ponte é arquitectonicamente interessantíssima. Bastante arruinada o que mais poética a torna. Sobre o arco da ponte um pequeno castelo, com as suas ameias desmanteladas ligeiramente, dando-lhe êsse aspecto docemente melancólico que têm as coisas antigas e arruinadas, e, que o cair da tarde suave, mais profundamente acentuava.

Êsse castelósinho que em tempos idos guarnecido de soldados devia aparentar um aspecto de defeza e garantia para os desconfiados romanos, que assim defendiam a ponte, única passagem para os que de fora vinham, na tarde amena de Agosto tinha o aspecto tranqüilizador, dum velho avô a quem já faltam alguns dentes e inclinando-se sobre o rio de corrente rápida, parecia sorrir aos brinquedos dum loiro netinho travesso e brincalhão.

Sentei-me na margem vendo correr a água límpida e azul debaixo do arco da velha ponte, que tantas vezes foi atravessada, pelas triunfantes legiões romanas, com os seus trofeus e a desolada horda de escravos feitos em combate.

E naquela tarde tudo era serenidade e descanso. O dia declinava pouco a pouco. O horizonte avermelhava com o pôr do sol, que como uma esfera em brasa se escondia atrás do pequeno pinhal, dum verde sombrio e escuro, e a ponte, que o pôr do sol tornava rubra, retomava um enternecedor ar guerreiro, como certos velhos que nos contam as suas façanhas de outrora quando eram moços agueridos.

E a tarde caía numa melancolia doce e enternecedora, num dêsses deliciosos "tramonti," romanos, a que o ambiente em que sentimos a história e a vida de antigos tempos, empresta não sei quê de misterioso que nos faz estremecer.

Maria de Eça.



AINDA HA PINTORES EM PORTUGAL!

A exposição António Saúde

ANTÓNIO NOBRE, na sua inspirada evocação das romarias portuguesas, não tinha razão naquela pergunta:

"Que é dos pintor's do meu país estranho Onde estão eles que não vem pintar?"

Houve sempre pintores em Portugal. Sempre. Não seria necessário organizar



Uma rua do lugar da Torre, em Amarante

Uma paisagem Amarantina

uma grande exposição das mais preciosas telas de Vieira Portuense, Domingos António Sequeira, Vieira Lusitano, Silva Porto, Columbano, Malhoa, Alves Cardoso, João Vaz, Carlos Bonvalot, Constantino Fernandes e tantos outros que já morreram, para estabelecermos a prova de que o espólio artístico nacional é tão vasto que até cedemos à Espanha artistas geniais como Velasquez e Sanches Coelho, portugueses de origem.

Temos ainda bem vivos, cheios de pujança e vigor — e oxalá por muitos anos! — pintores de alíssimo valor como Carlos Reis, Veloso Salgado, David Melo, António Saúde, Trigoso, Martinho da Fonseca, Souza Pinto, Frederico Aires, Abel Manta, Henrique Franco, Sousa Gomes, João Reis, Emérico Nunes, Severo Portela Júnior, Varela Aldemira, Eduardo Malta, e muitos mais, muitos mais...

Constou-nos vagamente que o pintor António Saúde abria a sua exposição. Onde? Em Benfica? No Lumiar? Em Sintra? A notícia, segredada por um amigo que nada mais sabia dizer, continuava a manter o seu carácter misterioso.

Sim, porque em face do que estamos observando, chega a "parecer mal", enaltecer o que é nosso, muito nosso, muito bom e muito português. Ao cabo de várias indagações soubemos que António Saúde expunha nas Belas Artes. Fômos lá. Entramos, e francamente, a nossa impressão foi dolorosa. Um amontoado de

mamarrachos sem vida nem expressão, grosseiramente plagiados de telas célebres.

Santo Deus! Que seria feito do nosso querido pintor António Saúde, o mago da côr, o paisagista que sempre nos encantou?

Nisto, alguém bem intencionado informou-nos: "Deve estar enganado. A exposição do Saúde é lá em cima... aqui é uma coisa estrangeira que nem sei o que é..."

Subimos, e, por fim, voltamos a vêr o nosso querido pintor, êle mesmo nos seus quadros, visto "de dentro para fóra ou de fóra para dentro", mas sempre o paisagista excelso tão português, tão enternecedoramente nacional. Um trecho de Amarante cheio de sol, magnífico de côr... Conhecemos o nosso velho Tâmega, rumoroso como um arroio, onde tantas vezes brincámos na nossa infância distante. Voltamos a vê-lo nessa esplêndida tela que só um grande pintor poderia realizar. Todos os seus trabalhos expostos são belos.

A visita que fizemos



A ponte sobre o Tâmega em Amarante



O pintor António Saúde

à exposição de António Saúde fez-nos bem. Fortaleceu-nos. E' que o tal mau encontro com os estrangeiros ia-nos fazendo adoecer.

Felizmente para nós ainda temos pintores que podem honrar a nossa Pátria em qualquer exposição estrangeira, por mais modernismos que nos queiram impingir. Os estrangeiros podem vir visitar-nos sempre que queiram, mas para aprender alguma coisa que não conseguiram assimilar nas suas visitas aos museus das grandes capitais europeias, a-pesar dos apontamentos tirados de telas clássicas de Ribera, Morales e Veroneso, imitações grosseiras de Manet, salpicado de Zurbarán e arremêdos grotescos da originalidade de Picasso.

Venham sim, venham visitar-nos. Mas entrem respeitosamente nos nossos museus como o deveriam ter feito no Louvre e no Prado, curvem-se perante os nossos pintores que os podem ensinar, e, por fim, nimbados de arte vista «de dentro para fóra ou de fóra para dentro», pouco importa, vão dizer para a sua terra que, em Portugal, os pintores, acudindo ao apêlo do poeta do «Só», se apresentaram às dezenas a reproduzir as mais gratas belezas do nosso torrão natal.

Se não quiserem ser francos, ao menos não digam que estiveram num país de selvagens que se deslumbrou perante um pedaço de tela bezuntada a côres berrantes como um cuanhama diante dum espelhinho ou dum colar de missangas.

Isso é que não.

ESTEVE a pressa a rebenatar a guerra entre a Abissínia e a Itália, devendo-se talvez a rápida solução do conflito à habil intervenção britânica que soube falar ao coração e à inteligência dos contendores.

No entanto, a Itália continúa a enviar tropas para a Eritreia, garantindo que o faz apenas por simples medida preventiva. A Abissínia, embora esteja na melhor intenção de aceitar uma zona neutra, começa a desconfiar de todo esse aparato bélico, e a tomar, por sua vez, as necessárias precauções.

O conflito consiste na posse do Ual-Ual, situado entre as fronteiras da Somália inglesa, italiana e o reino da Abissínia. Vem já de longe. Mas, no fim de contas, a quem pertence o Ual-Ual? Existem Atlas — e até italianos — que colocam o Ual-Ual em território abissínio. O mapa publicado pelo «Times» situa este território a uma centena de quilómetros ao Oeste da fronteira da Somália italiana. Todavia, o governo de Roma alega que o Ual-Ual se encontra ocupado e fortificado pelos italianos há muitos anos, e que o governo etíope tinha pleno conhecimento desta ocupação.

Por sua vez, o governo abissínio diz que o tratado italo-etíope de 1897 estabelece que o território de Ogaden e todo o território da tribo ficasse em poder da Etiópia. Salienta ainda que esse mesmo tratado fixava a fronteira da Somália italiana a 300 quilómetros da costa marítima, ao passo que o Ual-Ual se en-

contra a 400 quilómetros da costa banhada pelo Oceano Indico. Apoiado em tais razões, o governo de Adis-Abeba protestou enérgicamente ante a Sociedade das Nações contra a ocupação do Ual-Ual e do AfDub, território que o governo de Roma considera também italiano.

Este conflito poderia ter uma mais fácil solução, mediante uma mais exacta delimitação de fronteiras, se o governo de Roma não exigisse, antes de se chegar a um acôrdo, uma indemnização compensadora das escaramuças havidas.

E, assim, a título de precaução, a Itália mobilizou duas divisões para abalar qualquer resistência etíope.

Seria perigosa uma guerra nas imediações do Oceano Indico. As labaredas iriam propagar-se ao Pacífico que é onde actualmente, reside o maior perigo para a paz mundial.

A Itália, após vários conflitos, nunca perdeu de vista os territórios da Etiópia. O acôrdo de 1928 permitiu-lhe um avanço na sua expansão: foram montadas ambulâncias médicas em vários pontos do território abissínio e foi reposto o idioma italiano com material de ensino no liceu de Adis-Abeba, além doutras concessões.

Ora, o tratado de 1928 despertou os receios da França...

Agora, volta a renascer com maior gravidade o conflito italo-abissínio, paralelamente às negociações franco-italianas e franco-inglesas. É evidente que, hoje, tanto a França como a Inglaterra,

GRAVE CONFLITO

O descendente do rei Salomão em face das armas romanas

concederam à Itália uma certa liberdade na parte respeitante à Etiópia. Uma das razões desta mudança de atitude pode residir no constante avanço da expansão nipónica no Mar Vermelho e na Abissínia, avanço que as potências europeias



Um nobre abissínio acompanhado pelo seu escudeteiro

querem cortar radicalmente, visto o considerarem um perigo muito amarelo de mais para um continente negro.

E, no entanto, a Abissínia já mereceu as maiores atenções à França e à Inglaterra... Ainda há seis anos, quando se procedeu à coroação do Ras Taffari, como soberano de reino etíope, a Inglaterra, para dar grandeza àquela cerimónia enviou a Adis-Abeba um filho do seu soberano, e a França um dos seus marechais. A Itália, para não ficar atrás, mandou um príncipe de sangue real. Essa festa constituiu uma verdadeira apoteóse do «rei dos reis», o «leão de Judá», soberano mimado pelas mais fortes potências europeias que se deixavam deslumbrar pela riqueza magnífica da lendária Etiópia.

Seis anos depois, ficará marcado o fim da grandeza do opulento descendente do rei Salomão?

Eis o que o mundo inteiro observa com atenção neste momento.

Em boa verdade, era pena ver desmembrar-se um país tão lindo e de tão belas tradições que nos evoca a rainha de Sabá a mirar-se nas fontes encantadas do Nilo Azul. Fala-nos dessa

ITALO-ABISSÍNIO

do rei Salomão que já subjugarão o Mundo

soberana de lenda do livro bíblico dos Reis, e o «Cântico dos Cânticos», de Salomão enaltece a sua beleza estonteante.

A rainha de Sabá trasladou-se, um dia, da sua Arábia feliz às terras de Israel para mais de perto o famoso rei Salomão que passava por ser o maior sábio do Universo.

A própria Bíblia o diz:

«E até a rainha de Sabá, ouvida a fama de Salomão, veio fazer experiência nele por enigmas. Tendo entrado em Jerusalém com grande comitiva e rica equipagem, com camelos que traziam aromas e infinita quantidade de ouro e pedras preciosas, apresentou-se diante de Salomão, e descobriu-lhe tudo quanto trazia no seu peito».

«O rei Salomão deu à rainha de Sabá tudo o que ela desejou...»

Amaram-se. E, mostrando-se em toda a sua beleza, ela dizia, segundo a letra do «Cântico dos Cânticos»: «Eu sou trigueira, mas formosa, ó filhas de Jerusalém... Aplique êle os lábios, dando-me o ósculo da sua boca; porque os seus peitos são melhores do que o vinho... «Não olheis para o eu ser morena, porque o sol me mudou a cor; os filhos de minha mãe se levantaram contra mim e eu não guardei a minha vinha».

«Eu me despojei da minha saia, como a vestirei eu? lavei os meus pés, como os tornarei a sujar? O meu amado meteu a mão na fresta da porta, e as minhas



A rainha de Sabá inspirando a Salomão o «Cântico dos Cânticos»

entranhas estremeram ao estrondo que êle fez...»

A rainha de Sabá partiu para o seu país, levando no seu seio o antepassado do leão de Judá, que deveria ser o actual negus da Abissínia...

Sim, porque o Ras Taffari, coroadado como negus sob o nome simbólico de Hallé Sellasié — que significa «Porça da Trindade» — no dia 2 de Novembro de 1929, é, nada menos do que o descendente da rainha de Sabá e do rei Salomão de Israel.

Seria pena dar um golpe neste país lendário que nos faz recordar os contos de fadas da nossa infância!

Mas, se a Abissínia tiver de fazer frente à Itália, terá forças militares suficientes?

O anuário dos armamentos, publicado pela Sociedade das Nações não fixa com precisão os armamentos da Abissínia. As estatísticas variam constantemente, visto que os etíopes aumentam ou diminuem os seus armamentos, consoante as necessidades. Numa superfície de 1.120.400 quilómetros quadrados, o império etíope tem uma população de doze milhões de habitantes, dos quais 3.500.000 são abissínios. Os restantes são galas, servos, somalios e dancalios.

A força que o imperador pode mobilizar, em princípio, é de 3 milhões de homens, mas nem os recursos económicos, nem o armamento permitem mobilizar mais de 500 mil, e destes, só 200 mil podem entrar em luta com armamento moderno.

Após a coroação do imperador, começou a reorganização do exército, sendo o sacrifício grande parte do orçamento à realização das reformas militares que obtiveram já três resultados principais: unidade de comando e de organização, instrução moderna às tropas, e rápida organização da mobilização. O imperador é, agora, o chefe supremo do exército. A parte principal das forças é constituída pela guarda pessoal do imperador, em volta da qual se formarão, em caso de mobilização, todas as forças armadas. Não existindo limite de idade, a quantidade de soldados poderia ir até dois milhões. Os armamentos seriam de 500 a 600 mil espingardas, 250 metralhadoras, 180 canhões, 5 tanks e

Uma cerimónia religiosa que consiste em soprar por longos bambus com o fim de afastar os maus espíritos



Haile Sellasié emergendo as vestes imperiais

10 aviões de diverso tipo, pilotados por europeus. Em Adis-Abeba foi organizada uma fábrica de munições. Como se vê, o exército abissínio é hoje uma força importante, especialmente lutando no seu território muito accidentado, de difícil acesso e êrmo de recursos.

Calcula-se qual seria o resultado final duma guerra entre a Itália e a Abissínia, atendendo ao velho ensinamento que nos diz que «a corda parte sempre pelo lado mais fraco». No entanto correria muito sangue de brancos e de negros, antes de se assentar numa forma decisiva.

E devemos ter presente que, encontrando-se o equilíbrio internacional gravemente ameaçado, uma guerra colonial poderia redundar num conflito europeu.

É certo que a Abissínia é um país atrasado. A sua organização actual equivale à organização dos países europeus nos princípios do século XIX. É certo que a sua organização tradicional, sendo verdadeiramente bárbara, africana, necessita de muitos anos para colocar-se ao nível da civilização moderna. Carece de muitos anos de trabalho.

A esta obra poderiam associar-se os países europeus, colaborando de comum acôrdo com o espírito reformador e libérrimo de que tem dado sobejas provas o actual negus da Abissínia, digno descendente de Salomão e da rainha de Sabá.

Seria pena ver desaparecer a lendária Etiópia, que é a mais antiga monarquia do mundo.

NUM grande porto de mar, um navio prepara-se para levantar ferro. Soam apitos, largam-se as amarras e os passageiros debruçam-se da amurada fazendo sinais amistosos para as pessoas de família agrupadas no cais. Nisto, alguém nota ao longe um ciclista que pedala com tóda a energia a fim de chegar a horas. As suas probabilidades de apanhar o barco parecem ser poucas. Os marinheiros começam já a retirar as «passerelles».

Entre os espectadores da cena suscita-se um grande movimento de curiosidade. Fazem-se apostas sôbre o resultado da corrida. E as exclamações cruzam-se no ar:



—Vá! Mais depressa! Chega a tempo! Não chega!

Entretanto, o ciclista chega ao cais sobe pela

última «passerelle» por entre os aplausos da multidão entusiasmada e gritou para a tripulação:

—Podemos partir!
Era o capitão do barco.

Os habitantes duma pequena povoação italiana falam da próxima inauguração duma ponte e referem-se à enorme carga de sacos de areia com que vai ser experimentada a sua resistência.

—Por mim diz um dêles, entendo que a ponte se podia experimentar sem tanto trabalho. Bastava mandar formar sôbre ela um batalhão da milícia fascista. Se resistisse ao pêso estava em condições.

—E se não resistisse?

—Tanto melhor—concluiu o autor da ideia.

Num concurso de elegância de automóveis realizado em Nice, o juri encontrava-se perplexo para tomar uma decisão pois todos os veículos e as suas gentis condutoras eram igualmente belas. Foi então que o presidente tomou uma decisão:

—Abram os «capots»!—ordenou.

Como é de supor a maior parte dos motores estavam bastante sujos. A elegância era tóda exterior.

—Ninguém me preveniu de que era preciso mostrar os motores—protestou uma das concorrentes.

—Mas, minha senhora—retorquiu o



presidente do juri—num concurso de beleza seria preciso preveni-la de que devia lavar os pés?

No Museu de História Natural:

A mãe extremosa: Não te aproximes muito do leão, meu filho.

—Mas, mamã, está embalsamado.

—Pois sim..., mas pode estar mal embalsamado.

Um sábio naturalista—viaja num comboio acompanhado por um macaco e uma tartaruga que tenciona oferecer a um jardim de aclimação.

—O seu bilhete?—diz-lhe o revisor.

O naturalista exhibe o bilhete que o empregado corta.

—E o do macaco?

—Do macaco?! Não tirei. Ignorava que fosse preciso...



—Sim senhor. Devia ter tirado um bilhete de cão.

—De cão?!

—Segundo o regulamento da Companhia, os macacos pertencem à categoria dos cães.

—E a tartaruga também paga?

—Não senhor! Segundo o regulamento a tartaruga pertence à categoria dos insultos.

Um transeunte que ficou com um pé esmagado por um automóvel, exige do «chauffeur» uma indemnização exorbitante.

—Não pode ser!—protesta o «chauffeur»—O senhor julga que eu sou milionário?

—E o senhor julga que eu sou centopeia?—redarguiu coléricamente a vítima.

—Como se atreve a pedir-me dez escudos emprestados se nem sequer o conheço?

—E' que às pessoas que conheço já eu pedi e nenhuma me emprestou.

Um orador, ao descer da tribuna onde julgou ter alcançado um grande êxito,



diz para um amigo com mal disfarçado desdem:

—Tu que nunca abriste a boca em público...

—Enganas-te!—atalhou êste—Não fiz outra cousa senão bocejar enquanto tu falavas.

Durante uma excursão pelo campo, um optimista e um pessimista encontram uma garrafa de vinho com metade do seu conteúdo.

—Que sorte!—diz o primeiro—Uma garrafa meia cheia de vinho!

—Que azar!—corrige o outro—Uma garrafa meia despejada!

A dona da casa para a cozinheira:

—Temos hoje três convidados ao jantar. Arranje as coisas...

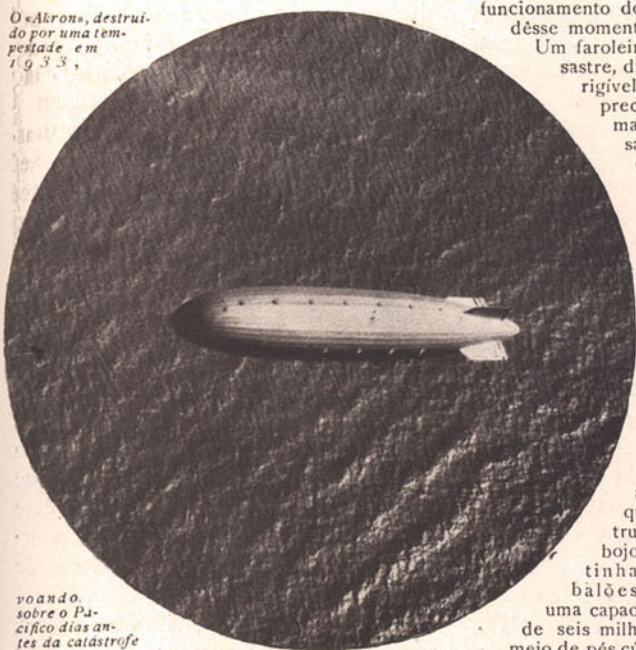
—Sim minha senhora. Mas deseja que os convidados voltem ou não?

A perda do dirigível "Macon"

No dia 13 do mês findo, a Marinha de Guerra norte-americana sofreu a perda duma das suas mais belas unidades do ar — o grande dirigível rígido «Macon», que um temporal colheu e destruiu em pleno Pacífico, cerca de cem milhas ao sul de S. Francisco da Califórnia.

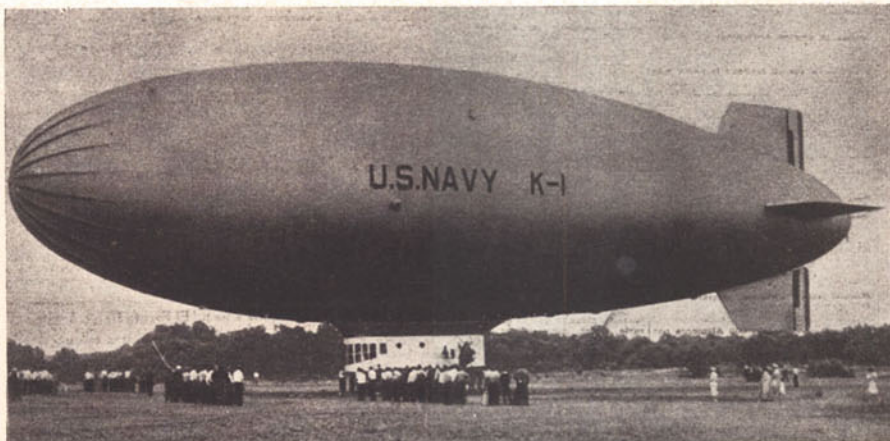
Conforme os jornais largamente noticiaram, o «Macon», saíra dias antes da base naval de Sun-

O «Akron», destruído por uma tempestade em 1933.



voando sobre o Pacífico dias antes da catástrofe

nydale para tomar parte nas manobras navais. Regressava ao ponto de partida quando a tempestade o surpreendeu. A aeronave lutou durante algumas horas com a borrasca, mas em certa al-



O «Macon» ao pousar em terra de regresso dum dos seus «raids»

tura causas ainda mal conhecidas impediram o funcionamento do leme de elevação. A partir desse momento o «Macon» estava perdido.

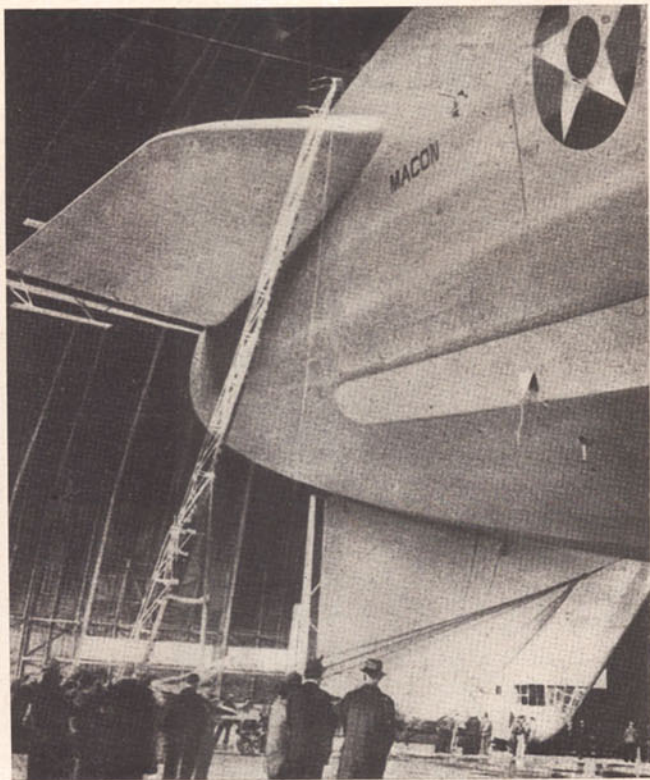
Um fareleiro, testemunha ocular do desastre, diz ter visto o envólucro do dirigível rasgar-se e a enorme carcassa precipitar-se no mar. Apesar da maneira fulminante como o desastre ocorreu, a tripulação, composta por 65 marinheiros e 20 oficiais, pôde salvar-se nas baleeiras, com excepção dum criado de bordo e do rádiotelegrafista que não voltaram a aparecer. O «Macon» que assim terminou ingloriamente a sua carreira, fôra construído em Akron, no Estado de Ohio. Media 260 metros de comprimento e tinha no maior diâmetro 45 metros de largo. A sua propulsão era feita por oito motores de 4.480 cavalos e podia, sem ventos contrários, atingir uma velocidade de 135 quilómetros por hora. Era construído em duralumínio e o seu

bojo continha oito balões com uma capacidade de seis milhões e meio de pés cúbicos de gás. O fluido empregado no enchimento desses balões era o hélio, adoptado hoje por quasi todas as aeronaves desse género por a uma grande leveza reunir a importante propriedade de não ser combustível. Pezava, sem carga, 110 toneladas e o seu raio de acção era de 17.000 quilómetros. A Marinha norte-americana possuía já outro dirigível com as mesmas características, o «Akron». Colhido também por uma tempestade ao largo de Nova Jersey em Abril de 1933, teve fim idêntico. Essa catástrofe teve porém consequências mais funestas. Um dos poucos sobreviventes de então, o capitão Herbert Wil-

ley era quem comandava agora o «Macon», quando o desastre se produziu. A construção de grandes dirigíveis tem tido sempre grandes entusiastas e ferrenhos detractores estes, últimos baseados na frequência com que essas aeronaves terminam desastrosamente a sua carreira.

Efectivamente, a história da aviação está cheia de catástrofes deste género, de que poderíamos evocar uma longa lista. Razão que, acrescida do elevado custo dessas construções, as torna pouco recomendáveis.

A técnica moderna, apesar de todos os seus progressos, não pôde ainda eliminar o grave inconveniente que é a fragilidade desses gigantes do ar. Para lhe dar poder ascensional, a osatura do dirigível tem de ser reduzida ao mínimo compatível com a resistência às correntes atmosféricas normais. Por outro lado, o seu enorbojo ofereceu grande resistência ao vento e torna-o presa fácil de qualquer tempestade mais violenta. O seu poder como arma de guerra é também muito contingente, visto que a artilharia anti-aérea tem nêle um alvo difícil de errar pelas suas dimensões. Tudo indica que a construção de grandes dirigíveis seja por agora abandonada. Nos Estados Unidos, em especial, nota-se nêsse sentido uma forte corrente de opinião.



A ESQUERDA: O capitão Willey, que comandava o «Macon», fotografado após ter-se salvado do desastre do «Akron». A DIREITA: Um dos lemes da elevação cujo mau funcionamento pôs a aeronave a mercê do temporal



D. Diniz, o bravo guerreiro do Salado que, de elmo amolgado e salpicado de sangue, espumava de raiva, gritando aos seus que "lhe enxotassem mais infieis para matar", não teria deixado sem resposta condigna a ameaça do "senão, não!", que, de resto, já vinha de há cinco séculos, pelo menos.

Fez parte integrante da fundação do reino de Aragão, no ano de 724, quando os aragoneses, após mil e uma vicissitudes, decidiram sacudir de vez o jugo dos invasores. Escolheram para seu rei a Garcí Ximénez, da família do duque da Aquitania, e que parecia reunir tôdas as boas qualidades para ser um bom chefe. Os bravos aragoneses, reunidos na famosa Cova do Pano, que representava para êles a sede dos prodígios, elegeram o seu rei e proclamaram-no solenemente em nome de Deus e da Pátria.

Assegura ainda a tradição que, no momento da eleição do soberano, todos concordaram em dar-lhe a autoridade de rei, recebendo em troca o seu juramento solene de guardar as leis ali estabelecidas, de comum acôrdo. Seriam respeitadas as liberdades populares, e a isso se comprometia o rei, senão... senão, não.

Nessa mesma reunião foi também instituído um Tribunal Supremo para julgar os abusos de autoridade praticados pelo rei, seus oficiais e seus ministros. A máxima autoridade dentro da máxima responsabilidade. Esta magna instituição poderia ser considerada única na história política das nações.

Portanto, o "senão, não" já não era coisa nova nos tempos do nosso Afonso IV. A tradição é fortalecida pela história que nos apresenta a documentação necessária acerca das origens das liberdades aragonesas, provando duma maneira insofismável que as mais sagradas reivindicações desse reino se abrigavam em San Juan de La Peña.

Ali foi criada uma pátria e ungiu um rei que teria de o saber ser, senão... senão seria deposto e substituído por outro. Passava-se isto no ano de 724!

O direito divino era coisa que ninguém saberia compreender. O rei era um homem como outro qualquer. No dia em que prevaricasse, seria castigado como o mais humilde dos seus súbditos.

Se remontarmos aos tempos bíblicos, vemos que Saul foi eleito rei, como se dum presidente da República se tratasse. Um dia, não cumprindo o que lhe estava determinado, foi substituído por David, e êle teve de se atravessar na própria espada, para escapar a morte pior.

Compreende-se, portanto, o orgulho dos aragoneses ao citarem o seu "senão, não!"

UMA velha tradição denuncia-nos o rei Afonso IV nos primeiros anos do seu governo como exageradamente dado à paixão da caça com gráve prejuízo dos negócios públicos.

Como juravam os reis aragoneses

Conta-se até que, em conselho com os seus ricos-homens, ministros e conselheiros, mais uma vez se entusiasmara na exposição das suas proezas de monteador. Um dia, um dos ministros levou o seu ouso a repreendê-lo:

— Senhor — lhe disse êle — quando morreres, Deus não vos pedirá conta dos javalis ou veados que caçastes, mas do bem ou mal que governastes o vosso reino. E' nosso dever mostrar-vos a razão de que andais transviado. Levai outro caminho, senão...

— Senão?! — rugiu o rei, apoplético — senão quê?

— Senão, não.

Conta ainda a mesma tradição que o monarca, caindo em si, se corrigiu inteiramente, tornando-se um soberano modelar.

A anedota é interessante, mas não deve ser verdadeira. O irascível filho de

LENDAS QUE SE

O famoso "senão, não!" era a fórmula do juramento prestado

O próprio rei D. Jaime não teve relutância em o confirmar nas Côrtes de Egea, ao declarar que o chamado fóro de Sobrarbe havia sido elaborado em San Juan de La Peña. Sob os auspícios da religião, e nessa cova memorável dos Pireneus, foi realmente onde se fixaram, declararam e ratificaram os pactos com que deveria governar-se o futuro Estado.

As famosas palavras "senão, não!" tão controvertidas e que deram margem a tão acalorados debates nos nossos dias, deveriam ter sido pronunciadas ao ser proclamado rei o valoroso Garcí Ximénez na referida cova, ou, tempos depois, no campo da batalha de Arahuest, ao ser proclamado rei Iñigo Arista. Para o caso, pouco importa. O que não oferece dúvida é que fôram repetidas e confirmadas, sob o amparo de Deus, nas solenidades de San Juan de La Peña.

Estas palavras poderiam ter sido ditas desta ou daquela maneira que, para o caso, também pouco importa. Do que ninguém pode duvidar é de que êsse famoso "senão, não!" foi a chave, o organismo, a essência e a substância de todo o sistema político de Aragão.

A atestá-lo estão aí, vivas e patentes, as instituições do reino, as leis e suas observâncias, os comentaristas, os letrados, os usos, os costumes, os preceitos, os dogmas, as Côrtes e o Tribunal Supremo de Justiça, mostrando que os aragoneses só consentiam como seu soberano aquele que acatasse as suas leis, "Senão, não!"

Poderemos citar ainda o texto do famoso "Privilégio da União" que o rei Pedro, o "Cerimonioso" rasgou com a sua adaga, e com tal ímpeto, que se feriu. Deu êste acidente origem à celebrada frase do soberano, erguendo a sua mão ensangüentada:

— Privilégio que tinha a faculdade de fazer reis, sangue de rei devia custar.

Temos ainda o conhecido "Exame histórico foral da constituição aragonesa", de Manuel Lasala, que nos informa acerca do juramento que os antigos monarcas eleitos prestavam antes de cingir a corôa. A única dúvida pode existir apenas em se a fórmula foi estabelecida pela primeira vez na Cova do Pano, ao ser elevado a

DES VANECEM

"não!" de Afonso IV pelos primeiros reis de Aragão

rei o valente Garcí Ximénez ou, pouco depois, no campo de Arahuest com Iñigo Arista, para ser confirmada em San Juan de La Peña, sendo esta última a mais provável.

Temos como certa e concludente a verdade histórico-foral do pacto e juramento de Iñigo Arista como origem e raiz das liberdades aragonesas, cuja fórmula é a seguinte:

"Nós, que valem tanto como vós, e que juntos somos mais do que vós, vos fazemos rei, desde que guardeis os nossos foros e as nossas liberdades, senão, não!"

E, ao dirigirem estas palavras ao novo soberano, acrescentavam que, neste caso, estariam livres "para eleger outro rei como e donde quisessem."

Esta fórmula encontra-se virtualmente confirmada pelo privilégio da União. No arquivo da Academia de História existe um documento que é um testemunho vivo.

Afonso, o "Liberal", filho de Pedro, o "Grande", afirma solenemente ao conceder o privilégio aos Unidos:

"Porque, si lo que Dios non quiera, nos ó los nuestros sucesores contraviniessemos à las cosas sobreditas, en todo ó en partida, queremos e otorgamos expresamente de certa sciencia assi la ora como agora consentimos, que daquela ora á Nos ni á los sucesores en el dilo reino d'Aragon non tengades ni ayades por Reyes ni por senyores en al-



ô proclamação do rei Iñigo Arista no campo da batalha de Arahuest

gun tiempo: antes sines algun biasmo de fe et de leyalta! podades facer et fogades otro Rey et sennyor, qual querredes e a'on querredes."

Nisto está bem clara a fórmula do "senão, não!"

E, já agora, iremos mais longe. Esta fórmula era, nada mais, nada menos do que um juramento gótico, como institutos e foros dos antigos aragoneses eram institutos e foros dos godos.

A celebrada frase do "senão, não!" com que pretendem repreender um dos mais voluntariosos reis da nossa primeira dinastia, poderia ser uma cópia ou imitação mais lacônica e enérgica do "Rex eris si recte facis, et si non facis non eris!"

Vejamos agora o que eram e o que diziam os chamados apotegmas forais da época do primeiro rei de Aragão, Garcí Ximénez, ou, pelo menos, de Iñigo Arista, que foi o segundo, e que representam os preceitos constitucionais, os Mandamentos da Lei dos aragoneses:

"I — Governa o reino em paz e justiça, e estabelece-nos foros melhores.

"II — Dividam-se os depoços dos moiros não sómente entre os ricos homens, mas também entre os cavaleiros e os guerreiros, e que o estrangeiro nada leve.

"III — Não pode o rei fazer leis sem o conselho dos seus subditos.

"IV — Guarde-se o rei de empreender

ofonso IV a guerra, firmar a paz, fazer tréguas, ou tratar de assunto grave sem o consentimento dos senhores.

"V — E para que as nossas leis e liberdades não padeçam nenhum menoscabo, seja constituído um jus, ao qual seja justo e lícito apelar do rei, no caso dêste ofender a alguém, e para impedir as injúrias, se algumas fizer à república."

Era assim que os antigos aragoneses tinham asseguradas as suas liberdades. Ao defenderem a pátria, defendiam também a liberdade.

E' possível que o ousado ministro de Afonso IV, tendo conhecimento da famosa fórmula de Aragão, a tivesse aplicado, muito a propósito, para mostrar o mau caminho que o soberano trilhava.

E, então, se alguma coisa disse, não poderia ser mais do que isto:

— "Senhor, os aragoneses, ao eleger os seus reis, obrigavam-nos a jurar que velariam pelo bem da pátria e pelas liberdades e felicidades dos seus súbditos. Terminava esta imposição pela enérgica ameaça do "senão, não!"

— "Senão, quê? — teria perguntado Afonso IV, que não devia andar ao facto das instituições e reis de Aragão — senão o que sucederia?

— "Senão — teria respondido o ministro — escolheriam outro rei que melhor os governasse."





O burro — quadro de A. Dagnaux



«...e existe no mundo algum animal perfeito, esse animal é o burro que simboliza a bondade, a inteligência e a sabedoria.»

«Por amor de Deus não maltratem o burro, mesmo quando este se encontra na situação de "emérito", que, no dizer do nosso erudito prof. Ricardo Jorge, depois de ter prestado os mais relevantes serviços, "já deu o que tinha a dar".»



Titânia e Bottom no «Sonho duma noite de verão» de Shakespeare

O burro é diligente, meigo e sofredor. Quando Victor Hugo o considerou "mais sábio do que Platão", lá soube porque o fazia.

Sterne, o delicioso autor da "Viagem sentimental", foi dos raros privilegiados que soube compreender o burro. É apreciável numa das suas mais belas páginas:

"Há no burro uma tal resignação que não lhe posso bater, mas até não me atrevo a falar-lhe sem uma certa polidez e delicadeza. Por isso, quando o encontro, invento sempre alguma amabilidade para lhe dizer, e parece-me que consigo compreender as suas afectuosas respostas."

Não se esqueçam também de que foi montada numa jumenta branca que a profetisa Deborah entoou o seu prodigioso cântico de acção de graças pela vitória dos israelitas sobre os cananeus.

A Virgem Maria fugiu num burrinho, afim de salvar o seu amado Filho à perseguição de Herodes. Por este bom serviço, mesmo que outros não tivessem, a humanidade deveria ficar muito grata aos

JUSTO REPARO A UM INGRATIDÃO MILENÁRIA

CURVÊMO-NOS ANTE O BURRO!

Demonstração irrefutável da sua inteligência desde que o mundo é mundo até aos nossos dias

burros. Todos se recordam, por certo, dos versos encantadores do Poeta de "Os Simples":

*Toc, toc, toc, como se espanja,
Lindo o jumentinho pela estrada chã!
Tão ingénua e humilde, dá-me, salvo seja,
Dá-me até vontade de o levar à igreja,
Baptisar-lhe a alma p'ra fazer cristã!*

Foi ainda montado num burro que Jesus fez sua entrada triunfal em Jerusalém por entre hoi-sanas e palmas festivas.

O burro — dôa isto a quem doer — aparece sempre nos grandes acontecimentos que revolucionaram o mundo.

Se a queixada dum burro se tornou uma tão terrível arma nas mãos de Samsão que serviu para dar morte a mil filisteus!...

Podem dizer que o burro tem umas orelhas enormes, inestéticas. Não é verdade, embora os actuais críticos de arte levantem o seu protesto.

Pitágoras — e devemos ter em conta que não era nada tólo — disse que "as orelhas eram o receptáculo natural da sabedoria e o órgão duplo

por meio do qual a palavra se dignava entrar, e animar as almas».

Ora, é evidente que quanto maior fôr o receptáculo, mais facilmente poderá entrar a sabedoria.

Devemos não esquecer que as orelhas do burro passaram sempre por ter uma certa virtude profética.

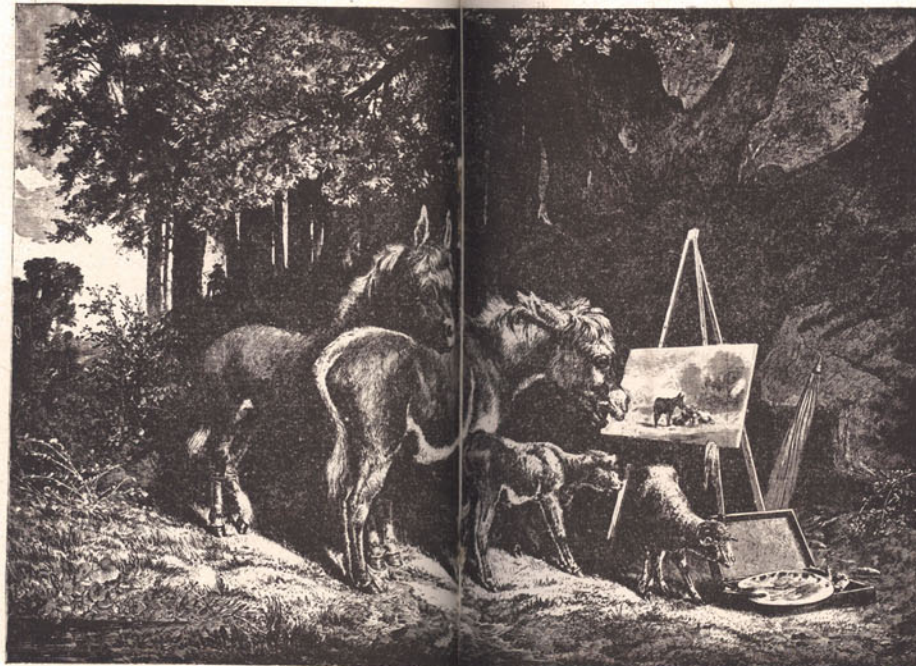
Já no tempo de Columelo, os lavradores, ao vê-las agitar-se no estio, tratavam logo de recolher o trigo no alpendre, visto ser este o sinal infalível de próximo temporal.

As orelhas do burro eram consultadas nesses sudosos tempos como hoje se consulta o barómetro.

Mas há exemplos com pessoas e nomes. Diz o grave Clio que o rei Luiz XI da França, desejando ir para a caça, mandou chamar o seu astrólogo que, após complicados cálculos, lhe prometeu um tempo magnífico.

E realmente, o sol começava a despontar risinhosamente, sem nuvens, nem ventania.

O monarca partiu confiado na ciência do seu astrólogo que, de resto, concordava plenamente



Críticos de arte — famosa gravura antiga que tem cada vez maior importância

com os seus prenúncios.

Chegando ao campo, o rei, usando do sêdico costume de perguntar "que tal está o tempo," para ter alguma coisa que dizer, dirigiu-se a um carvoeiro que passava montado no seu burro e disse-lhe:

— Bom dia, bom homem. Vejo que madrugas...

— É verdade, meu senhor, felizmente há muito que fazer.

— Que tal te parece o tempo? Vem aí um lindo dia de sol, não achas?

— Não me parece, meu senhor... em todo o caso...

E o homenzinho olhava atentamente as orelhas do seu burro como se estas tivessem o condão de o elucidar.

Momentos depois, feita a sua consulta, o carvoeiro disse sem a menor hesitação:

— Vem aí muita chuva, meu senhor.



Napoléon na sua ascensão em burro ao Monte de São Bernardo

— Resta-me o remorso de ter retirado a palavra ao orador que o precedeu.

E o bondoso rei da França devia ter carradas de razão.

O burro ainda devia ser o melhor dos oradores... Hoje como ontem e ontem como sempre.

As suas tradições são sagradas. Lá porque Apolo pôs umas orelhas de burro ao rei Midas da Frígia por não saber ouvir a sua bela música, isso nada

Um curioso episódio do burro de Oiro, de Apuleio

— Mas o céu está limpo e não há vento — objectou o rei.

— É verdade, meu senhor, mas o meu burro nunca se engana. Verá que vai chover não tarda nada.

Com efeito, uma hora depois, chovia a potes. O rei, voltando ao palácio, apressou-se a despedir o astrólogo e a nomear o burro do carvoeiro para o seu lugar. E não quis outro barómetro.

E, já agora, que aludimos a reis da França, citaremos o bonacheirão Henrique IV que, tendo chegado a certa cidade provinciana, se revestiu de toda a paciência para ouvir um dos discursos da praxe. Nisto, um burro desatou a zurrar, e com tal gana, que o rei mandou um dos seus criados fazê-lo calar. Falou seguidamente o orador, e tão mal o fez, que o rei não se conteve que não dissesse:





influi na alta intuição musical dos asnos. O burro, que conduziu Sileno coroado de pâmpanos por entre "evohés!", festivos, não tem culpa da estupidez dos homens que, arvorados em críticos musicais ou de qualquer outra coisa, aos quais, por absoluta pobreza de adjectivos, chamam burros.

O burro vale mais do que podem supôr. As suas tradições sã milenárias.

Apuleio, na sua mais bela obra, tornou o burro em seu protagonista. O entrecho pôde ser contado em meia duzia de palavras: Lúcio, tendo ido a Tessália, alojou-se em casa dum mago, cuja criada Fotis lhe applicou, por equívoco, uma droga que o metamorfoseou em burro. Não poderia recuperar a forma sem ter comido rosas. Mas como os rosais tardavam em florir, o pobre Lúcio teve de andar a correr mundo, transformado em burro, sucedendo-lhe tôda a espécie de aventuras. Por fim a deusa Isis, compadecida, aconselhou-o a que se metesse numa procissão e comesse as rosas que o sumo sacerdote havia de levar na mão. O burro assim fez e recuperou a sua forma humana. Mas com grande magua verificou que as simpatias de que era alvo por parte das mais belas damas tinham desaparecido. Ele, apesar da sua beleza apolínea, não merecia as atenções de ninguém! Antes ser burro...

Estes caprichos femininos subsistem ainda!

Mas o burro servia para tudo. Do horroroso suplicio do duque Argismundo em Toledo no ano de 589, a única personagem

simpática é o burro. Recaredo, rei de Leão, tendo conhecimento de que tramavam contra êle, e que um dos mais ferozes conspiradores era o duque Argismundo, ordenou um severo castigo. Argismundo, foi preso, sendo-lhe cortada a mão direita e rapado o cabelo á navalha. Em seguida, foi passeado num burro pelas ruas da cidade, por entre as chufas da multidão e as pedradas do rapazio. No fim desta penosa jornada, foi enforcado para exemplo dos traidores.

O burro, que tudo compreendia e avaliava, é que poderia ter feito uma ideia de todas essas barbaridades inconcebíveis!

Passear um condenado num jericó era a pior afronta que se lhe podia fazer. Não o pensou assim o orgulhoso Napoleão Bonaparte que deveu o seu maior triunfo a um burro. Pelo menos, o primeiro dos seus grandes triunfos que lhe fez ganhar a confiança dos franceses.

Pirandello conversando com o mais filósofo e resignado dos mortais

O côrso ambicioso precisava de se impôr e mostrar as suas habilidades. Chegara a Primeiro Consul, mas faltava-lhe ainda um grande feito que lhe merecesse a confiança da França, nova patria que decidira adotar. No seu cérebro germinou uma ideia. No dia 6 de Maio de 1800 saiu de Paris e concentrou as suas tropas ao longo de Genebra. Tornava-se indispensável a travessia dos Alpes pelo grande S. Bernardo, apesar dos inúmeros sacrificios e perigos que oferecia. Do lado de lá, os austriacos aguardavam-no, armados até aos dentes. O pior, no entanto, era o horroroso temporal que fazia. Um verdadeiro horror! Tempestades de neve, avalanches, trombas de água deslocando penedos que rolavam no abismo, arrastando vidas.

Napoleão conseguiu fazer a ascensão da montanha montado num burro, guiado por um individuo da região, devendo à prudência do jumento ter chegado sã e salvo ao termo da jornada, a-pesar dos inúmeros perigos que o rodeavam. Tanto não terja êle feito no seu famoso cavalo branco. Depois de ter encontrado o necessário agazalho no vetusto convento de S. Bernardo, reuniu as suas forças e caiu sôbre os austriacos, desbaratando-os.

Se não fôsse o burro, Napoleão não teria chegado lá acima.

O burro, portanto, deve merecer sempre a nossa ternura e admiração. E não fazemos mais do que os mais altos espíritos têm feito. Shakspeare, no seu "Sonho duma noite de verão", apresenta-nos Títania apaixonada por um burro. Mas não precisamos de ir tão longe. Hoje em dia, o famoso dramaturgo Luigi Pirandello, farto de aturar os admiradores e discipulos que o louvaminham e exaltam sem o compreender, prefere fazer as suas confidências a um burro que é, no fim de contas, o mais inteligente, o mais filósofo e o mais resignado dos mortais.



Suplicio de Argismundo em Toledo no ano de 589

QUINZENA DESPORTIVA

Os desportos de inverno estão ganhando em todo o mundo uma imensa popularidade, vindo aumentar de ano para ano o número de adeptos, e atraindo aos pontos onde a neve espalha seu alvo manto multidões desejosas de praticar um exercício agradável, em circunstâncias higiénicas.

Em todas as cidades europeias em cuja vizinhança existem serras que no inverno se cobrem de neve, registam-se ao domingo ou no fim da semana, verdadeiros exodos da população que prefere a qualquer outro divertimento, no seu dia de descanso semanal, uma excursão em "ski," ou uma ascensão pelas encostas cobertas do branco tapete.

Em Portugal, apesar das condições desfavoráveis do clima, existe na Serra da Estrela uma zona excelente para a prática dos desportos de inverno, tomando como centro a cidade da Covilhã. Infelizmente o esforço de propaganda, lançado nos anos passados, desapareceu em 1935 e ninguém ouviu falar de quaisquer provas, ou simples passeios organizados nessa tão linda região do nosso país.

Não seria difícil despertar na mocidade portuguesa o interesse pela neve, se as entidades directamente ligadas aos problemas de turismo local, proporcionassem meios de transporte rápidos e económicos, que permitissem o aproveitamento do sábado e do domingo.

Quem conhece a maravilhosa paisagem da Serra da Estrela, os encantos dos seus panoramas e o pitoresco de certos recantos, sentirá a verdade destas palavras pela saudade de voltar a percorrê-la, nestes meses tão lindos em que o sol faz refulgir a neve que a cobre, sem receio do frio que mais nos apoquento dentro das nossas casas desconfortáveis do que em plena montanha, respirando a largos haustos um ar puro e dando aos músculos um exercício salutar e aprazível.

Existe na nossa terra um espírito de desconfiança por tudo quanto é novo e

estranho à rotina dos velhos hábitos; para lançar os desportos de inverno em Portugal é indispensável um esforço de início, muita persistência e alguns sacrifícios. Há que levar as gentes até à serra, quasi forçando-as, para que se exerça sobre elas o poder atraente e seductor da neve e dos vastos horizontes; começar em toda a imprensa uma propaganda pela palavra e pela imagem e, sobretudo, organizar excursões populares em condições tentadoras.

Julgamos que o movimento deveria partir da Comissão de Iniciativa da Covilhã, secundado pela imprensa desportiva, que com a primeira se poderia associar para tomar realidade as primeiras manifestações práticas.

O Comité Olímpico Português comunicou, numa reunião recente, aos representantes das organizações desportivas nacionais, que estava assegurada a participação dos nossos seleccionados nos jogos de Berlim.

O facto reveste uma importância fundamental, a que "Ilustração", arquivo fiel de todo o movimento desportivo do país, não pode alhear-se. As cores de Portugal têm figurado desde 1912 em todos os certames olímpicos e o valor dos nossos delegados deixou, em certas modalidades, uma impressão que não andava longe

das melhores; tal foi o caso, por exemplo, dos esgrimistas e cavaleiros, e ainda a revelação surpreendente do football lusitano em Amsterdão.

Todos estes motivos, aliados ainda ao esforço atual de propaganda do país além fronteiras, contribuem para que vejamos com agrado que se fugiu desta vez ao inveterado hábito nacional de esperar pelos acontecimentos, indo-se decididamente ao seu encontro e dispondo desde já as bases duma preparação cuidada e aperfeiçoamento meticoloso dos possíveis representantes portugueses nos jogos de Berlim.

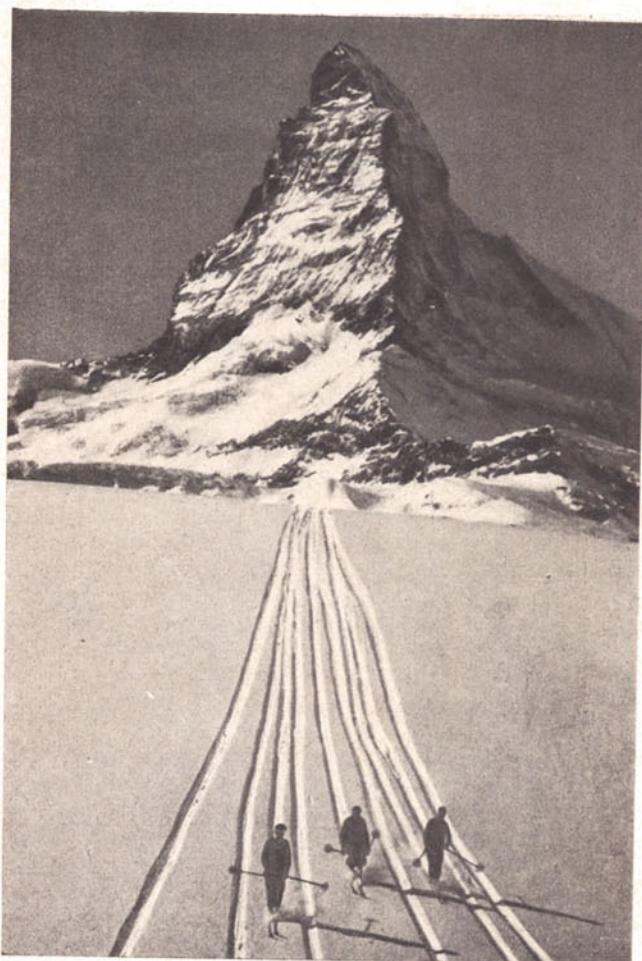
O problema olímpico, muito difícil de solucionar num país de escassos recursos e de indiferença oficial, como é o nosso, depende duma vasta conjugação de esforços que só pode ser profícua em perfeita harmonia e orientada, sem reservas pessoais, para o mesmo fim. Se cada organismo tomar em devida conta as suas funções, abstraindo de rivalidades e políticas de câmara, para subordinar os seus actos apenas ao interesse supremo



Os finalistas da prova "stnglets", homens, do Torneio Internacional de Tennis do Estoril, sr. Domingos Arilez e Ignacy Flo-czynski, campeão da Polónia e vencedor da prova



Uma sementeira de skista



Uma aparatosa
«glissade» na
neve

da Nação, os resultados corresponderão, enfim, ao que há muito se deseja sem haver conseguido alcançá-lo.

E' dentro destas normas que consideramos fecunda a reunião convocada pelo Comité, estabelecendo com as federações um contacto directo que certamente irá contribuir para desfazer mal entendidos e firmar a confiança entre entidades que, afinal, trabalham para o mesmo objectivo e guiadas por idênticas aspirações. Lamentamos apenas que uma reserva injustificada leve o Comité a manter a Confederação afastada de todos os seus propósitos, preparando sistematicamente a sua ruína, quando melhor agiria prestigiando-a e estabelecendo com ela uma colaboração util e perfeitamente razoavel.

Da exposição feita pelo illustre presidente do C. O. P., dr. José Pontes, aos delegados federativos, registemos, como essenciaes, as afirmações seguintes:

O Comité enviou já para a Alemanha o seu acôrdo ao convite de representação que lhe foi dirigido, e essa resposta foi dada na certeza de poder honrar o compromisso. Embora se não tenham encetado ainda os trabalhos activos para angariação de fundos, as reservas amealhadas permitem garantir a deslocação de, pelo menos, doze homens; o Comité está trabalhando afincadamente esperando alcançar verba que assegure a duplicação d'êste efectivo, sendo visados em especial para efeitos de possível participação as moda-

lidades, esgrima, hipismo, atletismo, tiro, pentatlo moderno, vela, natação, ciclismo e football.

Oxalá os nossos desportistas saibam corresponder aos louváveis intuitos do Comité Olímpico, preparando-se cuidadosamente para honrar as côres nacionais. Embora haja verdade nas declarações do dr. José Pontes ao nosso colega "Sports", que o entrevistou, também é certo que, na sua relatividade, se não pode confiar a representação nacional a qualquer, só porque na terra dos cegos foi o rei.

Disse o dr. Pontes: "O que importa, sobretudo, é a presença de Portugal entre os concorrentes do maior número de competições, desde que se apresente em condições de lutar. Perder, nestes casos não é fazer má figura, se os escolhidos provam estilo e escola, trabalho e progresso em relação ao pasado; para os países de menos recursos e inferior desenvolvimento, como é o caso de Portugal, as competições olímpicas, devem ser excelente terreno de aprendizagem. Não esqueçamos o dístico célebre com que o barão de Coubertin apontou aos Comités Nacionais o dever principal da sua acção organizadora: nos Jogos Olímpicos a honra não consiste em ganhar, a honra consiste em comparecer".

A aplicação impensada destas teorias tem trazido alguns fracassos; unam todos os interessados os seus esforços para que em 1936 os seleccionados olímpicos compareçam e sejam batidos, mas de

A escalada dum glacier

maneira que justifique a confiança neles depositada.

Ainda vem longe a abertura da época ciclista e já no meio reina grande agitação, tratando as várias colectividades de preparar as suas equipas da melhor forma possível.

Em ciclismo português, preparar e organizar uma equipa significa ir buscar às agremiações congêneres, mediante argumentos convincentes e palpáveis, os homens de maior classe que não convem como adversários.

Felizmente para os dirigentes e infelizmente para os princípios da sã moral desportiva, os ases alugam-se barato e quaisquer pares de milhares de escudos chegam para destruir amizades, tradição, respeito pelo passado e até responsabilidades e compromissos.

Estas nossas afirmações, testemunhadas pelo género camaleão duma grande parte dos ciclistas nacionais, envergando de ano para ano camisola de côr diferente, não traduzem o mínimo exagero nem causarão surpresa a ninguém. Desde o simples aficionado ao dirigente superior, todos sabem que à estrêla A foram entregues tantos contos para ir correr por X e que B recebe um ordenado mensal no clube por onde corre, além duma verba estipulada pelo representante da máquina que utiliza; o que passa é que ninguém tem a coragem de afirmar jogando as provas que possua, e como se não pode decidir a situação apenas por suspeições, continuamos a possuir só amadores, que daqui a um ano são capazes de assinar sob palavra de honra, êles e os mentores da respectiva federação, a pureza do seu olimpismo.

Salazar Carrêira.



A última prece da rainha Maria Antonieta

A CÉRCA do suplício da desventurada Maria Antonieta surgem, a cada passo, novos pormenores e sempre curiosos.

O precioso livro de orações, encontrado há tempos em Chalons-sur-Marne, vem evocar os últimos momentos da amargurada princesa austríaca.

Trata-se dum devocionário intitulado "Ofício da Divina Providência para uso da Casa Real, em Saint Cyr, e de todos os fieis", que pertenceu a Maria Antonieta e contém as últimas palavras escritas por esta infortunada rainha, datadas do próprio dia da sua execução, 16 de Outubro de 1793. Este autógrafo está na página 220, e diz textualmente assim: *à 16 Oct. à 4 h. 1/2 du matin — mon dieu, ayez pitié de moi! mes yeux n'ont plus de larmes pour pleurer pour vous, mes pauvres enfants; adieu, adieu! Marie Antoinette.*

Do estado de alma da infeliz rainha naquela terrível madrugada dá uma ideia o facto de ter escrito "dieu," com d minúsculo. Verifique-se também que a data foi posta como dia 15 e logo emendada pela mesma rainha para 16. Debaixo do 6 nota-se ainda distintamente um 5.

O mais extraordinário é que se nota o mesmo equívoco e corrigenda na carta que, nessa mesma manhã, Maria Antonieta enviou a Madame Isabel, carta que até agora era considerada como o seu último autógrafo.

Ora, êste erro da rainha é muito natural numa pessoa que tem a mente ocupada por um turbilhão de pensamentos.

Tendo a carta a Madame Isabel e a página do devocionário sido escritas de madrugada e a luz artificial, Maria Antonieta poderia não ter dado conta de que havia passado já a meia noite, e que, portanto, não era o dia 15 mas o 16. E' ainda possível que, pouco depois, desejando saber as horas que lhe restavam de vida, fôsse informada da data exacta, e então se apressasse a emendar a data errada que escrevera.

A desventurada rainha tinha ainda na memória a fatal sentença que a imolava

à sanha dos revolucionários.

"Segundo a unânime declaração do juri, atendendo ao requerimento do procurador da República, Fouquier, e na conformidade das leis por êle citadas, o tribunal condena à pena de morte a Maria Antonieta, intitulada de Lorena e Austría e viuva de Luiz Capeto.

"Na forma da lei de dez de Março passado, declara que todos os seus bens, se por acaso os tiver dentro do território francês, ficam confiscados para a República. E, a requerimento do dito procurador da República, ordena que a sentença seja executada na praça da Revolução, impressa e afixada em tôda a extensão da República."

E' certo que o semblante da sentenciada não exteriorizou a menor comocção, mas lá por dentro, nêsse cérebro de mulher mimada e orgulhosa, nêsse coração de mãe amargurada, devia passar-se uma horrorosa tempestade.

A's quatro horas da manhã, ainda era de noite. Notava-se já o aparato das fôrças. Lá dentro, na sua cela escura, Maria Antonieta estaria escrevendo a sua última prece na página do seu devocionário.

A's 5 horas, tocou-se a chamada em tôdas as secções; às sete estava em armas tôda a força, e colocada a artilharia nas extremidades das pontes, praças e encruzilhadas existentes desde o Tribunal de Justiça até à Praça da Revolução. A's onze horas, Maria Antonieta saíu da prisão da Conciergerie, vestida de fustão branco, e subiu com a maior coragem para a carreta da guilhotina. Era esta a última carruagem da sua soberania. A seu lado ia um padre constitucional que procurava confortá-la, falando-lhe numa vida eterna que não é dêste mundo. No entanto, Maria Antonieta parecia alheada de tudo. Pensava talvez nos filhos, visto que só por êles é que desejaria viver. O resto pouco lhe importava.

Pelo caminho olhava indiferentemente para a força armada que se alinhava através das ruas do percurso. Mais de trinta mil homens.



Maria Antonieta despedindo-se de seu filho na prisão

Não se notava no rosto de Maria Antonieta nem abatimento nem orgulho. Era grande o seu sossêgo de espírito e parecia insensível aos contínuos gritos da população cada vez mais enraivecida. Por vezes, a condenada dirigia algumas palavras ao padre constitucional que a acompanhava.

Ao meio dia, chegou à Praça da Revolução. Dizem testemunhas oculares que a rainha, ao encarar o cadafalso, se tornou pálida como cera, embora mantendo sempre o maior apurmo. Subiu com grande valor as escadas da guilhotina e ofereceu o lindo pescoço ao horrível cutelo.

Após a execução, o verdugo mostrou à turba a cabeça ensangüentada da que fôra rainha da França, lavrando em seguida, o meirinho Nappier o auto de execução em que declarava:

"... nós, abaixo assinado, nos transportamos à casa de justiça para execução da sentença proferida pelo tribunal contra Maria Antonieta de Austría, viuva de Luís Capeto, a qual sentença a condena à pena de morte, e depois a entregamos ao executor de alta justiça e à gendarmeria, os quais a conduziram à Praça da Revolução desta cidade onde a dita Maria Antonieta sofreu a pena de morte na minha presença..."

Estava feita justiça! A última prece da desventurada rainha é que não chegou a ser ouvida pelos entes queridos a quem era destinada. Houve alguém que guardou o livro na intenção de o vender, um dia, a peso de ouro. Para evitar suspeitas, arrancou-lhe da capa a flor de lis, símbolo da realeza e outros adornos que a preciosa encadernação ostentava e poderiam acarretar graves dissabores nêsses tempos de revolução que então corriam.



O último autógrafo encontrado num livro de orações



Lucrecia Borgia
—quadro de Lorenzino Lotti

LUCRÉCIA BORGIA, a famosa filha do Papa Alexandre VI, não foi a devassa que toda a gente conhece nem a envenenadora que todo o mundo acusa.

O seu maior delito foi o de ser filha do celebrado Borgia, mas disso não lhe deve caber a menor responsabilidade.

Os inimigos dos Borgias, na ânsia de anatematizarem o famigerado pontífice, escolheram, de preferência, a formosa Lucrecia, e cevaram nela os seus rancôres.

E, então, desde Victor Hugo que escreveu a conhecida tragédia "Lucrecia Borgia", até Donizetti que a musicou; desde Fernández y Gonzalez que envenenou a boa fé dos lares mais piedosos até Louis Gastine que inventou o que não conseguiu provar, muitos outros escritores têm avolumado, tanto quanto possível, a difamação em volta da pobre Lucrecia.

Por fim, a verdade começa a esclarecer-se.

Na sua tragédia, o imortal cantor da "Legende des Siècles" não se preocupou com o rigor histórico, limitando-se a repetir o que a tradição tinha segredado à sua inspiração prodigiosa e criadora.

Apresenta a malparada Borgia como cúmplice dos crimes mais horrendos, fazendo-a morrer às mãos dum filho que nunca existiu!

O conde de Coello, num magnífico estudo sobre Lucrecia, diz que "se a filha do Papa Borgia não foi uma santa como algumas pessoas da sua ilustre família — S. Francisco de Borja, por exemplo, que floresceu meio século mais tarde — também, não foi a filha, irmã e mãe incestuosa, a criminoso esposa envenenadora dos Afonsos de Este ou dos Sforzas, e muito menos a dramática assassina dos Maffei e dos Orsini".



O mais famoso retrato de Lucrecia Borgia e considerado o mais parecido

Em boa verdade, o unico defeito de Lucrecia Borgia consistiu em ser a filha de seu pai, o terrível Alexandre VI, do qual ninguém se atreveria a afirmar que foi um santo homem, ou coisa que o valha.

O famoso palacio de Ferrara onde Lucrecia viveu



Urge rehabilitar A filha do Papa Alexandre VI

Não devemos esquecer que os defeitos deste tinham apenas uma relativa importância no seu tempo, quando ninguém se escandalizava por ver a estátua da formosa Julia Farnesio, amante do próprio Rodrigo Borgia colocada, inteiramente nua, sobre o túmulo do Papa Paulo III, seu irmão. Esta estátua foi mandada cobrir com vestiduras por Pio IX.

Há motivos de sobejo para execrar a memória de Alexandre VI, bem como a de seu filho Cesar Borgia que foi o primeiro rufo de Roma. Com Lucrecia é que não se passa o mesmo. Foi sempre uma mulher débil, sem vontade própria, um perfeito joquete nas mãos de seu pai e de seu irmão.

Ligada estreitamente à família ilustre de príncipes da Igreja e de pontífices, dotada dum grande beleza e dum educação esmerada, conhecendo com perfeição o latim, o grego, o alemão, o francês e o espanhol, possuindo, além disso, uma grande fortuna, não seria para admirar que, aos doze anos, fosse cubiçada para esposa de nobres, e aos quinze se casasse com João Sforza, da opulenta família dos duques de Milão. Documentos autênticos provam que o divórcio deste primeiro marido de Lucrecia foi levado a efeito contra vontade dela que fez todo o possível para reconquistar o esposo. Este, porém, movido pelas suas alianças com a França, e autorizado por um conselho de cardeais que viam na esterilidade daquele matrimónio razões mais que suficientes para justificação do divórcio, não teve a menor relutância em repudiar a esposa que sempre se lhe tinha mostrado meiga, terna e carinhosa.

Casada em segundas núpcias com o jovem Afonso de Bisceglia, filho de Afonso de Nápoles, teve a amargura de ficar viúva pelo crime de seu irmão que odiava o cunhado com um rancôr tão sinistro como a sua alma.

Relatemos os factos:
Tendo Alexandre VI firmado uma es-

Lucrecia Borgia foi sempre uma mulher virtuosa

treita aliança com Luiz XII, de França, contra os aragoneses, Cesar Borgia aproveitou a oportunidade para dar largas ao seu ânimo belicoso, assassinando todos os partidários de Aragão. Assim, o seu cunhado Afonso de Bisceglia estava condenado. Ao ódio partidário juntava-se o rancôr particular, visto que o terrível Cesar Borgia nunca poderá ver com bons olhos o novo marido de sua irmã.

Um dia, nas escadas da igreja de S. Pedro, quatro mascarados apunhalaram o pobre Afonso de Bisceglia, deixando-o às portas da morte. Durante trinta e quatro dias se conservou Lucrecia à cabeceira de seu marido, tratando-o com o maior desvelo e carinho. O ferido ia melhorando. A sua robustez juvenil triunfava da cobarde agressão.

Mas o tórvo Cesar Borgia vigiava na treva. Uma noite entrou na casa de sua irmã, acompanhado do seu amigo Michelotto, e preparou-se para concluir a sinistra tarefa.

Enquanto Cesar punha bruscamente fóra do quarto sua irmã, o outro estrangulava cobardemente o enfermo.

Foi enorme a dôr de Lucrecia ao ter conhecimento do trágico fim de seu marido, e daí o ódio que votou a seu irmão,



Cesar Borgia, o sanguinário irmão de Lucrecia

Outro retrato de Lucrecia Borgia



chorando, desprotegida, a sua desdita na solidão do castello de Nepi.

O assassino, que comprehendera o motivo da reclusão de sua irmã, fez constar que ela carecia de educar um filho cuja origem se ocultava num mistério. O miserável divertia-se ainda a caluniar a própria irmã!

Apesar de todos estes boatos em detrimento da honra de Lucrecia, o pai não teve muito trabalho em arranjar-lhe um novo casamento. Desta vez era o nobre Afonso de Este, filho do duque de Ferrara. Realizou-se a boda com grande pompa, e pouco depois, os recém-casados herdaram um ducado.

A partir desta data, todos os documentos autênticos e irrefutáveis apresentam Lucrecia Borgia como uma mulher de conducta irrepreensível que, durante a ausência de seu marido,

soubes captar a veneration dos ferrarenses pela maneira ponderada, justa e bondosa como dirigiu o ducado. Rodeou-se dum brilhante corte de artistas e literatos que teve grande retumbância em todo o mundo.

Quem passar por Ferrara ha de recordar-se de Lucrecia Borgia. Ferrara parece uma cidade deshabitada, uma cidade morta, mas cheia de recordações.

Temos de evocar, por força, os tempos em que o duque Afonso de Este, junto de sua mulher Lucrecia Borgia, sentava à sua mesa o poeta Ariosto, o pintor Ticiano e tantos espiritos cintilantes que ainda nos iluminam.

Por isso, Ferrara, sendo uma cidade morta, vai sepultando os vivos, e fica sempre cada vez mais bela, mais triste e evocadora.

O palácio de Este, onde Lucrecia Borgia teve a sua

côrte, é um dos mais belos de toda a Italia. Paramos a contemplá-lo. Nos seus amplos pateos julgamos estar a ver ainda pagens e cortezãos, reis de armas, poetas e soldados e cortejos bizarros, ou para receber condignamente os emissários e embaixadores do Papa, ou para obsequiar os senhores de Modena, visinhos dignos da mais alta consideração.

Que enorme differença entre este quadro magnifico devidamente testemunhado e documentado e as barbaridades truculentas que a fantasia de numerosos escritores engendrou!

No dia de S. João, do ano de 1519, falleceu Lucrecia Borgia em consequência dum parto difficil. Pouco antes de morrer, escreveu a seguinte carta ao Papa Leão X:

"Dou graças ao nosso Criador clementissimo pela filha que me concedeu, tanto mais que tenho eu a consciencia de que se aproxima o fim da minha vida, sinto que, dentro de breves horas, havendo recebido os Sacramentos da religião, terei abandonado este mundo. Neste instante, como cristã, ainda que peccadora, suplico a Vossa Santidade que se digne conceder-me as graças do vosso tesouro espirital, dispensando á minha alma a vossa santa benção."

Era esta índole da pobre Lucrecia Borgia que tão caluniada tem sido!

Faça-se justiça!



O ESPELHO MENTIROSO

Estão a perceber a alusão não é verdade?

É que a mulher de teatro não pode nunca corresponder á expectativa amorosa do galanteador que está repimpado na sua cadeira, a ouvi-la, sem preocupações que não sejam fazer do amor uma espécie de *sport*, quási em aposta como numa partida de *foot-ball* ou num *cross-country*.

A creaturinha que êle cubiça tem que olhar pela sua beleza, pela sua saude,

tem de recuperar as forças dispendidas para divertir esse e outros *mirones* preocupados e ociosos.

Por isso, nos seus encontros de amar, ela saboteia, faz aquele *chiqué* tão usado e reclamado em todo o ambiente onde as energias se gastam.

É por isso que o poeta compara o amor das atrizes ao bicarbonato.

Para quem tem fome de amar, não chega a nada.

O que se diz das mulheres de teatro estende-se aos homens do mesmo *métier* e por tabela aplica-se talvez com mais razão — aos artistas cinematográficos. O trabalho dêstes é muito mais fatigante e mais intenso do que o dos seus colegas do tablado,

Mal têm tempo para engulir uma *bucha* entre cada tomada de longas cênas, muitas vezes repetidas, e as horas de descanço são escassas e régateadas.

Como querem que estas creaturas, estafadas pelo realizador, estonteadas pelos holofotes do estúdio, tenham vontade de brincar ao amor?!

Creio até que é por êste motivo que na Cinelandia as ligações conjugais duram pouco.

Passados os diasitos de lua de mel longe dos *sets* de filmagem, os pobres noivos voltam a derrear-se, numa labuta insana, e adeus beijos íntimos e desabafos da carne.

E sem amor-acção não ha união que resista.

As estrelas masculinas sofrem das mesmas péchas. Os galãs do écran têm que ser homens bonitos ou quási.

Os aplausos e os galanteios escritos que todos os dias recebem tufam-lhes a vaidade e tornam-nas em perfeitos narcisos espiando os seus requebros, no pano receptor de suas imagens.

Precisam de poupar-se, porque se o trabalho do estúdio os fatiga, se lhe juntassem as pugnas amorosas em desafio, seria o descalabro certo dos seus encantos físicos.

Dáí o recusarem-se a entrevistas e o evitarem o colear de várias serpentes que desejariam aperta-los nos seus aneis.

Preferem manter acesos todos os estos de paixão a desiludir, pelo facto, as cabecinhas loucas que lhe medem a capacidade amantética, pela sua actuação nesta ou naquela fita.

A desiluição sempre vem, mas não tão forte como seria, se o galã se arriscasse a uma demonstração concreta do seu poder de atracção.

As meninas românticas apanharam uma decepção com o Henry Garat, porque êle não lhes ligou nenhuma. Defendeu-se bem contra todas as ciladas femininas.

E começaram então, pela decepção que as feria no seu orgulho de irresistíveis, a dizer coisas feias do rapaz.

Já tinham tido a sua desilusão menos má, quando souberam que era casado, o seu ídolo.

É opinião de alguns e algumas que os artistas do teatro e cinema não deviam casar, senão depois de perderem o brilho da juventude.

Assim, sempre os pretendentes teriam mais consoladora esperança de chegar-lhes um dia a sua vez, no afecto do pretendido.

Mas, então, êsses pobres diabos, escravos do capricho de todos vós, não teriam direito ao bem supremo da vida tranquila, do lar, com uma boquita rosada estendendo os lábios ao beijo materno ou um diábrete pulando nos joelhos do papá.

E vocês lembrem-se, suas malucas, que além do que já disse o Garat estava em vespas de ser pai, e morto por correr para junto do leite onde a sua mulher se contorcía, talvez, com as dôres da maternidade, quando vocês, quási desmaiavam de sonhados arroubos, ao ouvi-lo cantar:

*« Amusez — vous
comme des fous,
la vie est si courte
après tout... »*

Sim, esta gente que pinta a cara, por dever de ofício, estes homens e mulheres que tanta volúpia espalham nas plateias dão péssimos amantes.

Fora do seu "meio", que lhes impõe o abuso do sal e da pimenta nas iguarias que os mandam servir, fóra dali, são uns sensaborões, sem "piada", nenhuma.

Coitados! Precisam de férias, para darem largas á sua fantasia, e aos apelos da sua carne irritada pelos beijos quilométricos diante de tanta gente, e são obrigados a ser bonecos de celuloide... "em carne e osso..."

Mercedes Blasco

A tela branca dos cinemas é o espelho onde os artistas da especialidade se miram, e onde nós vemos os mais dêles antes de os conhecermos "em carne e osso".

E nunca houve espelho que mais enganasse o pobre espectador, que arranca dali verdadeiros ídolos que a breve trecho, vistos de perto, se conhece serem ídolos com pés de barro, quando não de barro na sua totalidade, e que se quebram com um simples toque e ás vezes, por magia do nosso desencanto, com um olhar apenas.

Porque não valem, como actores, tanto quanto os julgavamos no pano branco?

Não, não por isso. Correspondem em suas qualidades histrionicas, postas fóra do *filme*, áquelas que dentro dêle nos seduziram. Isto, freqüentemente.

Não é questão da actriz ou do actor; é a mulher e o homem que estão em jôgo.

Sabe-se que quando um astro cinematográfico desce da tela ás tabuas do palco o que mais frenesi empresta, ás multidões, é a ansia de o vêr de perto, de apreciar as suas probabilidades físicas de seducção, o tão cantado *sex-appeal* que se atribui a certas figuras da fotografia animada.

E não se escapa á desilusão, principalmente, quando se deseja ver postas em acção, ao serviço de intempestivos desejos êsse encanto e essa seducção chamada dos sentidos.

Ha uma quadra espanhola, extremamente caridosa, que entende poupar desilusões aos apaixonados das artistas.

Diz assim:

*« El hombre que se enamora
De una mujer del teatro
Es como áquel que tiene hambre
Y le dan bicarbonato... »*

Eu traduzo, para os raros que não compreendam bem o espanhol.

*« O homem que se apaixonou
Por uma mulher de teatro
É como aquele que tem fome
E a quem dão bicarbonato... »*

NOVIDADES DO "ÉCRAN,"

O realizador francês Julien Duvivier está a filmar as últimas cenas dum grande filme sobre a vida de Jesus Cristo, que terá o título de «Golgotha». A apresentação desta película deve fazer-se em Paris durante a próxima Semana Santa.

É interessante notar que um dos últimos actores contratados para tomarem parte no filme foi Harry Baur. O grande actor francês tem um papel episódico, o de Herodes. É a sua imagem só durante escassos minutos se projectará no *écran*. Mas, com uma alta consciência artística, Harry Baur entendeu que esse facto em nada o deminua e que é nos pequenos papéis que um grande actor melhor se pode revelar.

Atribue-se a Ramon Novarro a intenção de abandonar de vez a sua carreira de actor, facto que não deixará de penalizar muitos cinéfilos e cinéfilas.

A confirmarem-se os boatos que correm o célebre artista pensaria em dedicar-se exclusivamente à produção de filmes. E, nesse caso, iria estabelecer-se na Argentina, saturado talvez do ambiente artificioso da cidade onde conheceu fama e riqueza.

Charles Boyer continua a trabalhar na America sem descanso e com crescente êxito. O seu último filme, intitulado «Private Worlds», está a ser exibido nos Estados Unidos e tem recebido excelente acolhimento.

Quasi sem interrupção, Boyer encetou novo trabalho. Contracena agora com êle Catarina Hepburn, que é um dos autenticos valores do cinema americano.

Será esta uma das suas últimas criações em

Hollywood. Charles Boyer vai regressar a França e tomará parte com Annabella num grande filme que está em estudo.

Fala-se, de tempos a tempos, na morte definitiva, irremissível, dos filmes de *cow-boys*. É de cada vez surge novo facto a desmentir as funestas profecias.

Desta vez é Tom Mix que vai reaparecer com o seu belo cavalo «Tony» num grande filme de aventuras equestres no Far-West que se intitulará «O homem do Texas».

Os lugares santos da Palestina vão constituir o assunto dum filme que a empresa produtora católica «Lux Christiana» deve apresentar brevemente. Essa película documentará a vida religiosa da região que tão ligada está às crenças de judeus, muçulmanos e cristãos.

Foi anunciado que a estreia do filme se faria no Vaticano com a assistência do Papa.

Wallace Beery vai, pela primeira vez, trabalhar na Europa. Juntamente com outros actores ingleses irá na Itália filmar uma grande produção em que colabora grande parte da esquadra italiana. Mussolini dispensa grande protecção a esta iniciativa. Nos arredores de Roma foram já construídos vastos estúdios, dotados com os últimos aperfeiçoamentos. Além da versão interpretada por Wallace Beery e pelos artistas britânicos, far-se-á outra com actores italianos.



Pois a gentil actriz francesa, já refeita do acidente relata-o de modo um pouco diverso e de molde a tirar-lhe grande parte da sensação que os jornalistas, por dever de ofício, lhe quiseram dar. Na realidade, Annabella não sofreu nenhum ataque do urso. Este é até pelo contrário um animal de sentimentos pacíficos, com que o instinto da ferocidade está totalmente obliterado. Mostrava até particular afeição pela actriz que costumava regalá-lo com pedaços de açúcar e laranjas.

O caso resumiu-se, pois, em que Annabella ao puxar o animal, torceu um pé e caiu. O urso acompanhou-a na queda, mas na sua boa educação fez todo o possível por não magoar a actriz com o peso do seu enorme corpo.

Isto bastou para animar a fantasia dos *reporters* e para entreter a curiosidade do público.

Hollywood é, como se sabe, uma cidade de agitação fabril onde toda a gente, e em especial os artistas, vive uma existência trepidante capaz de arrazar os nervos mais fortes.

Pois as «estrelas» do cinema acabam de descobrir que há no centro de tanta agitação um recanto onde é possível repousar um pouco e ganhar novas forças. É esse lugar de sossego é muito simplesmente o hospital.

Claudette Colbert foi recentemente passar dois dias ao hospital de Hollywood para estudar o ambiente em que decorre o seu novo filme «Private Worlds». Veio de lá encantada. E já prometeu voltar sempre que puder conceder algum repouso ao corpo fatigado pelo trabalho do estúdio.

Edmund Lowe festejou há dias o undécimo aniversário do seu contrato com a «Fox», caso pouco freqüente entre os actores de cinema.

O notável artista começou agora um novo filme em que toma também parte Vitor Mac Laglen e cujo título será «Receita de assassinio». É digno de registo que a maior parte dos técnicos que colaboram nesta produção intervieram também em «A honra entre os homens», o primeiro filme de Edmund Lowe para a «Fox».



Os jornais do Mundo inteiro lançaram há duas semanas a sensacional notícia de que Annabella fôra vítima do ataque dum urso e que só devido à pronta e corajosa intervenção de seu marido, Jean Murat, o caso não tivera funestas consequências.



lhos. Não é este o caso da ilustração, que me dizem ser casada e por isso mais admirável, que chamasse às donas de casa e à mulher que trabalha em sua casa "gata borralheira".

Mas me parece que seja esse o nome a dar-lhe. Se é uma mulher pobre, acho que por muito que trabalhe em sua casa, se o pôde fazer sem ter outro trabalho, é muito mais feliz do que a mulher que trabalha numa fábrica.

Trabalha para aqueles que estima, para o seu marido, para os seus filhos e numa família bem organizada, em que haja uma certa educação e bondade de alma a "gata borralheira", é também rainha e senhora. Por muito trabalho que tenha é sempre um trabalho feito com a ajuda do coração, um trabalho que a maior parte das vezes é feito com a alegria na alma.

Eu não falo das misérias, nem daquelas que por desgraça sua caíram em mãos dum homem sem sentimentos. Isso são anormalidades para que existe assistência e justiça. Não me conformo, que a mulher, que trabalha em sua casa para os seus, seja considerada uma vítima e tratada de "gata borralheira", porque me convenço então que a parte feminina da humanidade é tão estúpida, que só aspira a ser vítima e "gata borralheira".

Toda a mulher que casa, seja qual for a sua classe, seja qual for a sua situação e mesmo a sua fortuna tem de trabalhar para os seus, proporcionando-lhes bem estar, administrando o que há e fazendo o possível para tornar feliz o seu lar.

E toda a mulher que cumpre o seu dever dentro destas normas contribui para o equilíbrio da sociedade e nunca poderia ser considerada "gata borralheira", e vítima.

É muito mais infeliz a mulher que trabalha fora de casa num trabalho remunerado mas nem sempre bem, num mau ambiente em geral que tem o defeito de a desprender do lar, de a habituar a estar fora de casa e a afastar-se moralmente do marido e dos filhos.

A mulher que nasceu para esposa e mãe, não é "gata borralheira", dentro da sua casa, mas sim rainha e senhora. É arduo o trabalho em casa, mas mais duro é o trabalho fora dela, e família onde haja uma verdadeira união de almas, onde o trabalho é reconhecido e agradecido pelo marido e pelos filhos não precisa de leis. A lei é o amor do lar e da família.

Maria de Eça.

A Moda

TEMOS o Carnaval à porta e estamos na época em que Lisboa desenvolve uma maior vida de sociedade. «Soirées», bailes, assaltos, sucedem-se e a mocidade turbulenta e ansiosa de viver quer divertir-se. É a época em que se fazem os vestidos de baile com mais entusiasmo e por isso mais nos ocupamos hoje deles.

Damos um lindíssimo modelo em «Tafetas» preto, é um vestido de suprema elegância e grande novidade. A sua imensa roda, acumulada-se em volta da delgada cintura, juntando-se na

PÁGINAS FEMININAS

frente. A borda da saia afasta com grossos cordões metidos, que formam uma barra da mais alta novidade. A frente do corpo do vestido traça à frente em pregas que formam uma banda dum lado forrada de seda rubi e rematada com uma enorme rosa vermelha. É um vestido original, gracioso e da maior novidade. Qualquer senhora que use este modelo pode ter a convicção de que está bem vestida.

Outro vestido, em veludo verde-musgo, com longa cauda; o corte do vestido é da máxima simplicidade. Completa-o um abafo «trois quarts» no mesmo veludo, com as mangas em pele, em volta do pescoço uma larga «écharpe» que cruzando num nó simples cai em graciosas pregas formando à frente do casaco.

É de moda agora nos centros de grande elegância que as senhoras da sociedade, da aristocracia e até de sangue real ou que tenham alianças reais, se prestem a posar para os fotógrafos, com os chapéus ou «toilettes» que compreem nas casas de grande nome na alta elegância.

Damos hoje um modelo originalíssimo de chapéu, usado pela condessa de Covadonga, a formosíssima «senhorita» cubana, que desposou o príncipe das Astúrias e que se disse, sem visos de verdade, que breve se divorciaria. O chapéu, modelo de Liliane Callet, é em setim «Mordoré» guarnecido com uma linda aplicação que, representa um faísão.

A beleza inegável desta senhora empresta ao chapéu, que talvez não seja muito bonito, um cunho de distinção e originalidade, que o tornam notável. É também para admirar o lindo «clip» em brilhantes que lhe adorna o simples corpete, assim como o maravilhoso colar de perolas, que cinge o seu pescoço estatutuário.

Para viagem apresentamos uma cómoda e linda «toilette» em quadrinhos castanhos e brancos, a que riscas castanhas dão um aspecto de xadrez. Saia e casaco curto, usado com uma «écharpe» castanha com pintas brancas, é completada por um confortável casaco comprido guarnecido com uma ampla gola em raposa natural.

O chapéu é em feltro castanho e dum forma clássica para viagem, a que será sempre preferida, e é sem dúvida a mais prática. É uma «toilette» simples e elegante, lúvas em pele de cavalo e carteira muito simples em pele de porco.

Higiene e beleza

Manchas vermelhas: As manchas vermelhas na pele são muito frequentes nas mulheres loiras. Devem-se a um desarranjo na pigmentação, que pode ser acentuado, pelo calor e raios solares, ou pelo frio, e, oferecem grande resistência suportam até a seguinte:

Clorato de soda 3 grammas, borato de soda 2 grammas, glicerina 30 grammas, água de rosas 170 grammas, álcool 10 grammas, essência de rosa 10 grammas.

Para as peles que suportem coisas mais fortes pode empregar-se esta outra:

Sublimado 0,30 grammas, clorato de amoníaco 0,30, álcool de 90° 10 grammas, água de rosas 100



gramas. Não dando resultado o único remédio infalível é a electricidade.

É caro esse tratamento e por isso aconselhamos as nossas leitoras a fazerem esta experiência.

Receitas de cozinha

Sopa de pepinos e vagens: 1.º Embebem-se 160 grammas de miolo de pão num copo de leite quente e deixa-se amolecer. Misturam-se-lhe 30 grammas de manteiga e 25 grammas de farinha; mexe-se sobre fogo lento durante alguns instantes; dilue-se com 7 decilitros de leite quente; adicionam-se-lhe 12 grammas de sal, uma pitada de pimenta e um pouco de noz moscada.

Logo que começa a ferver, junta-se-lhe o miolo de pão amolecido e deixa-se de novo ferver ao lado do lume.

2.º Descasca-se um bom pepino ou dois dos mais pequenos, cortados muito finos, e deitam-se numa caçarola com água quente temperada com sal, ferve-se oito minutos, depois escorre-se o pepino e deita-se numa caçarola com 50 grammas de manteiga onde ferve 5 minutos. Em seguida deita-se a mistura no mólho e cose 35 minutos. Cortam-se em losangos 60 a 75 feijões verdes e coem-se em água quente.

3.º Passa-se a sopa num coador; juntam-se-lhe cerca de 3 decilitros de leite para engrossar, até ao ponto que se queira; ferve por alguns momentos, completa-se com 2 gemas de ovos, 50 grammas de manteiga, os feijões bem escorridos e umas colheres de cerefálio.

A enxaqueca da rainha

É interessante para nós portugueses a história da cura dum rainha. Catarina de Médicis, rainha de França, sofria dum tenaz e incurável enxaqueca. Todos os remédios que usava eram inúteis.

Um dia Jean Nicot, embaixador de França, em Portugal, que tinha vivido muito tempo na corte e conhecia o mal da rainha, enviou-lhe uma droga desconhecida em França.

Era rapé, ou seja tabaco reduzido a pó, tão usado pelos portugueses daquele tempo, e, que tinha um efeito surpreendente nas dores de cabeça.

Catarina de Médicis nunca mais se separou do precioso pó que lhe aliviava tão cruel sofrimento. Os cortejos não tardaram a inclinar-se perante as exigências da moda, e assim se espalhou o uso do tabaco em França, estendendo-se em seguida a toda a Europa onde se tornou vulgar.

É quando se quis dar um nome ao veneno



extraído das folhas de tabaco escolheu-se o do embaixador Nicot e assim nasceu a nicotina abominada, pelos médicos com ansia por todos os fumadores e fumadoras, porque hoje há quasi tantas fumadoras como homens que fumam. Questão de mo-la!

A invenção da "claque,"

QUEM inventou a «claque» foram dois espartalhões, os senhores Denton e Porcher, que abriram em Paris, um escritório para assegurar os sucessos dramaticos.

Com sublime descaramento garantiam o successo a todos os empresarios de teatro, que quizessem utilizar os seus empregados, dizendo além disso, que a ausencia dos seus em-

pregados poderia causar penosos incidentes nas primeiras representações.

Por mais dum geração estes dois sujeitos exerceram o seu officio mediante uma organização de alguns filiaes que assistiam aos ensaios e tomavam notas do momento em que a «claque» devia intervir.

Depois disso a vasta tropa de «claquers», faziam as suas provas de conjunto no ensaio geral e nos momentos cómicos intervinha com os que riam, que tinham o dever de, com grandes gargalhadas, contagiar de hilaridade todo o auditório, havia também os chorões, que nos momentos mais dramaticos e patéticos da acção deixavam cair a cabeça sobre o peito dando manifestos sinais da profunda emoção, que lhes proporcionava o drama ou a tragédia que se representava. Entre estes existia ainda a classe dos que choravam, pessoas que levavam a sua emoção ao ponto de deixar escapar num soluço chegando até ás lágrimas, levando aos olhos humidos o lenço.

Havia também os «bisadores», os que tinham que fazer repetir um pedaço de prosa ou de música, e, por fim outras personagens, pessoas de autorisado aspecto que passando nos intervallos entre as poltronas, nos camarotes e nos corredores acreditavam com as suas calorosas e bem pagas opiniões as peças que se representavam, fazendo sobressair com calor e entusiasmo o seu valor nos mais pequenos detalhes.

A vida é dura, e houve sempre variadas maneiras de a ganhar umas mais simpaticas do que outras e já é muito que seja honestamente.

Pensamentos

É um prazer duplo enganar aqueles que fazem profissão de enganar o próximo.

O dinheiro é indispensavel na vida. Negócios, processos, casamento ou edificação, sem elle não se podem fazer.

(La Fontaine)



Festas de caridade

NO «AVIZ HOTEL»

Continua o Aviz Hotel, nosso primeiro hotel luxo, da capital, a marcar pela animação e elegância, tanto à hora do almoço, como do «chá» e «jantar» sobre tudo nas noites de sábados, em que ali se reúnem as principais famílias da nossa primeira sociedade, que ao som da exímia orquestra «jazz-band» privativa do hotel, se dança com verdadeiro entusiasmo até de madrugada, recordando-nos ter ali visto entre outras pessoas as seguintes:

Visconde e viscondessa de Almeida Garrett, D. Clara de Abdarrahm Buzaglo, João de Lencastre Freitas e D. Maria Carlota Górgão Henriques de Freitas, Bartolomeu de Mozer e D. Sofia Buzaglo de Mozer, Rafael Nobre Sobrinho e D. Gabriela Nobre Sobrinho, dr. José de Abreu, Vítor Knutz e D. Leopoldina Knutz, dr. Joaquim Ribeiro, D. Maria Antónia Delgada, dr. S. Iva Araújo e senhora de Silva Araújo, dr. Raúl Buzaglo, tenente Eduardo Proença, D. Regina Ribeiro Lebre, D. Rostia Gomes da Costa, capitão António Lebre, D. Maria Manuela Tamagnini, alferes José Gomes da Costa, D. Maria Henriqueta Ribeiro Lebre, D. Margarida Hoffman de Abreu, D. Julieta Gomes da Costa, dr. António Tamagnini, André Cimbron Borges de Sousa, Eduardo Rau, D. Maria Henriqueta Gomes da Costa, dr. Cassiano Neves, Augusto Tamagnini, D. Augusta Chaves Cimbron Borges de Sousa, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

— Na noite de amanhã, realiza-se ali grandioso baile, organizado pelo Curso Complementar de Ciências Jurídicas, e patrocinado pela Faculdade de Direito e Ordem dos Advogados, cujo produto líquido se destina a favor da Associação dos Amigos das Tutorias da Infância.

Pelos inúmeros convites distribuídos, tudo nos leva a crer que a noite de amanhã no Aviz Hotel seja muito animada e concorrida.

— Na terça-feira de carnaval, realiza-se ali o grande baile organizado pela direcção do hotel, baile que o ano passado, foi sem dúvida alguma a festa mais animada e elegante do carnaval, o que decerto sucederá este ano, pois a direcção resolveu limitar as entradas afim de que a lotação dos salões não seja acrescida.

— O «chá dançante» de caridade, que uma comissão de senhoras e rapazes solteiros, pertencentes à nossa primeira sociedade, levou a efeito na tarde de sábado, 16 do corrente, no salão de mesa do Aviz Hotel, decorreu sempre no meio da maior animação e elegância, vendendo-se na assistência, entre outras as seguintes senhoras:

Senhora de Gallye d'Hybouville, Marquesa de Faial, Condessa de Taboiera, Condessa de Carnide e filha, Condessa da Esperança e filha, D. Piedade Valdez Briffa, D. Maria Tereza de Lima Mayer de Magalhães, D. Maria Tereza Briffa Espargosa e filhas, D. Matilde Pessanha e filhas, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Câmara, D. Clara Abdarrahm Buzaglo e filha, D. Eulália Sêlles de Sande e Castro, D. Natália

VIDA ELEGANTE

Muñoz y Puig, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Maria Baltazar Pinto Balsemão, D. Ana de Serpa Osório, D. Maria de Serpa Temudo, D. Maria do Pilar Soto Maior Pinto Basto e filha, D. Arcelina Valente Moreira (Taboiera), D. Maria Briffa Roque de Pinho Barreto, D. Heloisa Maria da Costa e Sousa de Macedo (Vila Franca), D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Judite e D. Maria Helena Sousa Jardim, D. Maria Tereza de Castro Pereira Guimarães, D. Maria de Lourdes de Barros da Costa Belmarço, D. Maria Beatriz de Mendonça, D. Marta Mayer, etc., etc.

NAS BELAS ARTES

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de domingo magro, no hall da Sociedade Nacional de Belas Artes, a primeira das três tardes infantis de caridade, que uma comissão de gentis senhoras pertencentes à nossa primeira sociedade, de que faziam parte as seguintes: D. Ana Teles da Silva Pacheco, D. Maria Cecília de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria Eugénia Teles da Silva Pacheco, D. Maria Eugénia Valente Moreira Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Helena Burnay de Almeida Belo, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha (Carnide), D. Maria Luiza Santos Silva Roque de Pinho (Alto Mearim), D. Maria Manuela Sousa e Melo, D. Maria Teresa de Castro Pereira Guimarães, e D. Matilde Santos Silva Roque de Pinho (Alto Mearim) levada a efeito, com fins caritativos, e que constou de «chá dançante» que foi abrilhantado por duas exímias orquestras «jazz-band» que tocaram alternadamente, tendo havido durante o «chá» várias dansas por um grupo de discípulas da distinta professora de dansa, senhora de Britton's números que agradaram muitíssimo.

Nas outras duas tardes que se realizam no domingo gordo e terça-feira de carnaval haverá, além de «chá dançante», concurso de crianças mascaradas, em que serão disputados artísticos prémios, sendo o júri formado pelas senhoras D. Rosária Rodrigues, esposa do sr. ministro da Justiça, D. Emília de Sousa Costa, D. Maria de Carvalho, ilustres escritoras; D. Alda Machado Santos e D. Eduarda Lapa, notáveis pintoras, e pelos srs. Matoso da Fonseca, Visconde da Ida-

«A festa do Ribatejo» no Casino Estoril, no dia 17 do mês findo. Um aspecto do salão de restaurant

nha, Varela Aldemira, da direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes e o ilustre artista Jorge Colaço.

Os bilhetes de entrada vendem-se à porta.

Récita de homenagem

Constituiu sem dúvida alguma, uma verdadeira parada de elegância, a récita de segunda-feira-passada no Trindade, em homenagem aos cronistas mundanos e nossos camaradas Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, dedicada pela empresa José Loureiro.

O aspecto da vasta sala de espectáculos, que se encontrava literalmente cheia, era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu um grande número de famílias da nossa aristocracia que ali deram ponto de reunião, entre as quais nos recordam os seguintes nomes:

Senhora de Montesinos, Senhora de Tapia, Senhora de Gatyre, Marquesa de Fontes Pereira de Melo, Condessa de Proença-a-Velha, Condessa de Idanha-a-Nova, Condessa de Castro, Condessa de S. Tiago, Condessa de Taboiera, Condessa de São Mamede e filha, Condessa de Sautar, Condessa da Folgosa, Condessa de Castro (D. Maria da Assunção), Viscondessa de Silveiras, Viscondessa de Sacávém, Viscondessa de Santa Magarida, Viscondessa de Tojal, Viscondessa de Alcochete, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Eugénia Soares de Oliveira, D. Eugénia Machado Ribeiro Ferreira, D. Otávia Guedes Cau da Costa, D. Alice Guedes de Herédia, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Laura Reis Ferreira e filhas, D. Alda Cabral Gentil e filha, D. Sára Burnay Paiva de Andrade, D. Pilar Velasco Fernandes de Oliveira e filhas, D. Laura Mendes de Almeida Ivens Ferraz, D. Palmira Diogo da Silva de Sover, D. Etelevina de Sousa Falcão, D. Virgínia de Abreu Caróca, D. Maria Augusta de Magalhães de Abreu Pereira Coutinho e filhas, D. Fernanda Caróca Lopo de Carvalho, D. Elisa da Costa Novais, D. Maria do Carmo Coutreiras Machado, D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Ilda Garcia Rosado de Bastos, D. Adelinha Santos, D. Beatriz de Mendonça, D. Maria Amélia de Vasconcelos Porto de Vilhena, D. Herminia de Borba da Cunha e filhas, D. Fanny Fonseca, D. Amélia Dias Martins, D. Maria Emília de Anciães Proença Pereira do Vale e filhas, D. Mary de Brito Keil, D. Maria Rosa Alves de Carvalho Borges, D. Mary de Arriaga Posser de Andrade, D. Henriqueta Salena Carção e filha, D. Maria Antónia de Portugal, D. Eulália Sêlles de Sande e Castro, D. Angélica Pavão Pereira da Rosa, D. Maria Luiza de Vasconcelos Porto Teles, D. Maria Joana de Brito e Abreu Portugal, D. Eugénia Ribeiro da Silva, Senhora do Dr. Carlos de Carvalho, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Clementina da Silva Carvalho Santos e filha, D. Felicidade de Sousa de Eiró, D. Stela Belmarço da Costa Santos, D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, D. Maria das Dores de Albuquerque Lobato e filha, D. Inez Alice Barroso Gomes, D. Maria Margarida Pignetelli Teles de Vasconcelos de Azeite, D. Alice Sousa Melo, D. Berta Goulart Caldas Forte, D. Maria Luiza Seixas Arantes, D. Maria Cordeiro Roquete de Campos Henriques, D. Judite Mendes da Costa Novais e filhas, D. Amélia Santa Rita Gomes Neto e filha, D. Maria Luiza Nunes da Silva Moreira de Almeida, D. Mecia Mousinho de Albuquerque e filha, D. Suzana de Castro, D. Palma Petruz Neves, D. Elisa Talone Ferreira, D. Francisca de Benito Garcia e filha, D. Maria Adelaide da Costa Barros Serra, D. Adelaide de Atouguia





Roque da Fonseca, D. Carmen Correia Leite Elmar da Costa, D. Alfredo de Brito Keil Nobre Cartazo, D. Beatriz Santa Rita Nunes da Silva, D. Maria Primitiva Fernandes de Muñoz, D. Maria Helena Nobre da Costa, D. Maria da Nazaré de Almeida Carvalho Daun e Lorena, D. Maria José Lobo da Silveira Bleeck, D. Maria de Sousa Machado da Rocha Leão, D. Jeanne von Gilgelen e filha, D. Maria Lucinda da Fonseca de Medeiros Antunes, Senhora do Dr. Mário Moutinho, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, D. Palmira Lucas Tórres, D. Maria da Natividade Dourado Moreira da Cruz, D. Raquel Vitória Pereira, D. Inez Mourimont Marques Donato, D. Delfina Mesquita, D. Pilar de Benito Garcia Salazar de Sousa, D. Maria do Carmo Pereira de Lacerda e filha, D. Palmira da Costa e Silva, D. Alexandra Caleira Dias de Freitas, D. Margarida de Vasconcelos e Sá (Silvares), D. Maria Emilia Gomes Neto Afonso de Pereira Coutinho, D. Berta Rosa Limpo Sena, D. Maria da Glória Vaz Monteiro da Silva Avelar, D. Izaura de Castro Araujo de Santana, D. Izilda de Vasconcelos Salgado, Senhora do Dr. Campos Coelho, D. Helena Bastos Gonçalves, D. Maria Clotilde de Vasconcelos Alves de Azevedo, D. Maria Soledade de Carvalho Bruges de Oliveira, D. Maria Daun e Lorena Bruges de Oliveira, D. Maria Leopoldina Achemann Serzedelo e filhas, D. Aurélia Fidanza de Lemos Lisboa, D. Violante Fidanza da Silva, D. Maria Inácia e D. Maria Emilia de Castelbranco, D. Lídia de Castel Branco e Melo e filha, D. Maria Silvana da Fonseca de Barros Gomes, D. Dulce da Costa Botelho de Andrade, D. Maria Juvenília Bravo Ludovice, D. Adélia Diniz de Almeida, D. D. Laurinda Alambra, D. Maria da Conceição Paraíso Duarte Mourão, D. Filipa Torre do Vale Bettencourt Correia dos Santos, D. Ida Fragoço Alcobia, D. Virgínia Lopes da Silva, D. Inez de Sequeira Oliva de Avila e Bolama, D. Mand Cohen Fervercio, D. Sára da Costa Freire de Andrade de Salazar de Eça, D. Maria da Conceição Pinto de Azevedo Roma, D. Maria Cortegaça Alves e filha, D. Maria Eugénia Olimpio de Senabra, D. Adelaide de Almeida, D. Marion Crow de Brito e Abreu, D. Maria Eugénia Morano, D. Ester Levy Bastos Mendes, D. Alda de Aguiar Santos Gomes e filha, D. Maria Izabel Dantas, D. Maria Rosa Rodrigues dos Santos, D. Maria da Glória Quaresma e filhas, D. Emie Polnay de Castelo Lopes, D. Maria José de Sousa Viegas, D. Maria Margarida Franco dos Santos, D. Emília Brederode Smith, D. Ema Torre do Vale, D. Ida da Costa Blanch, D. Maria Sofia Mac-Bril Fernandes, Senhora de Jaime Costa e filha, D. Maria José de Aboim do Quental, Senhora de Carlos Moutinho de Almeida e filha, D. Maria Luiza Bramão Reis do Carmo e Cunha, D. Maria José Graça Ribeiro Ferreira, D. Ana Xavier de Brito Barata, D. Fernanda Montellano, D. Emília Fimntel, D. Cândida Aires de Magalhães, D. Maria Amélia Lencastre Freitas Alegro, D. Maria José de Sousa Rego, D. Maria Luiza e D. Sára Maria de Serra e Moura de Lemos Lisboa, D. Francisca Garrido de Lacerda, D. Maria Clementina Lisboa Achemann, D. Maria da Guia Ferreira Patrício, D. Maria Cecília Lopes de Almeida, D. Gracinda de Castro Araujo, D. Maria Alves Martins, D. Maria Izabel de Lencastre Freitas, D. Maria Otolini de Travassos Valdez (Bomfim), D. Judite Martins, D. Lídia Ogando Amado, etc., etc.

Salões

Na sua elegante residência à rua de S. Caetano, ofereceram na noite de segunda-feira, a sr.^a D. Matilde Guedes de Maldonado Passanha e o sr. D. Diogo de Afonseca Maldonado Passanha, um baile que decorreu no meio da maior animação e alegria, dansando-se quasi sem interrupção até perto das seis horas da madrugada, chegando por vezes o entusiasmo a atingir o delirio.

Pela uma hora da manhã, foi servido no

Aspecto da assistência, à festa de homenagem aos cronistas mundanos e nos camaradas Vasconcelos e Sá e Mota Marques realizada no teatro da Trindade, na noite de 18 do corrente. (Foto Serra Ribeiro)

salão de mesa da aristocrática residência uma finíssima ceia.

Nessa noite os vastos salões que se encontravam povoados de tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, e onde se nota bem o gosto artístico dos ilustres donos da casa, viveram de certo alguns momentos de extraordinário prazer espiritual.

Na assistência notavam-se as sr.^{as}:

Condessa das Alcúcovas e filhas, Condessa de Monte Real e filha, Condessa de Mendia e filha, Condessa da Esperança e filha, D. Margarida de Melo Breyner Cardoso de Meneses e filha, D. Livia Street de Ariraga e Cunha de Melo Breyner e filha, D. Piedade Valdez Briffa, D. Alda Cabral Gentil e filha, D. Maria Luiza da Graça Van-Zeller e filha, D. Maria Inácia Vilardebó Chaves e filha, D. Maria Tereza Briffa Raposo de Sousa Alte Espargosa e filhas, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier e filha, D. Judite de Sousa Jardim e filha, D. Fernanda Bettencourt Moreira de Carvalho e filhas, D. Judite Maia de Carvalho e filhas, D. Margarida da Mota Marques Ferreira de Castro e filhas, D. Maria de Magalhães e Meneses Vilas Boas Vilar e filha, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Leonor Corrêa de Sampaio Ferreira Roquete e filhas, D. Maria Luiza de Magalhães Coutinho da Câmara, D. Elvira Figueira Freire da Câmara de Castro Constâncio e filhas, D. Wanda Jardim de Maldona Pessanha, D. Maria de Sá Nozueir Vilar e filha, D. Maria Cabral da Câmara (Belmonte), D. Maria Helena e D. Maria Guedes Pinto Machado, D. Maria Canceia Infante de La Cerda, D. Maria de Meneses (Merccann), D. Maria Margarida e D. Maria Canavarro Fernandes Costa, D. Maria Simões Anjos, D. Maria Vilar, etc., etc.

Os ilustres donos da casa e suas filhas, foram de uma cativante amabilidade, para com os seus convidados que se retiraram gratíssimos com a forma como foram recebidos.



Diplomatás

Em honra do brilhante actor brasileiro, que no dia 8 do corrente, se estreia no teatro do Gimmásio, Procópio Ferreira, ofereceu o ilustre secretário da Embaixada do Brasil em Portugal, sr. dr. Teixeira Soares e sua esposa a sr.^a D. Pepita Teixeira Soares, na sua residência à Rua Almeida Brandão, uma interessante festa, tendo-se durante a noite improvisado um pequeno serão literário, em que além do homenageado que disse, com uma graça especial, várias poesias populares do seu país, tendo também feito uma perfeita imitação de uma declamadora muito conhecida em Lisboa, e a pedido fez por paródia vários trabalhos de transmissão de pensamento, a insigne artista D. Lucília Simões, recitou brilhantemente, uma poesia dramática, de

Grupo da assistência à elegante festa realizada na residência do sr. Dr. Teixeira Soares, ilustre secretário da Embaixada do Brasil e da sr.^a D. Pepita Teixeira Soares, em honra do notavel actor brasileiro Procópio Ferreira. (Foto Serra Ribeiro)

um consagrado poeta brasileiro; a notável artista D. Maria Matos, contou com sua veia cômica, três interessantes aneddotas que despertaram no auditório franca hilariedade, e as gentis artistas D. Maria Helena Mendonça Carvalho

e D. Maria Sampaio, fizeram-se ouvir em várias quadras, emprestando-lhes com as suas vozes de um timbre agradabilíssimo, extraordinário realce; o jornalista brasileiro Pandiá Pires, disse com muita «verve» uma poesia da sua autoria, Nascimento Fernandes, o nosso brilhante actor cômico, contou uma discussão que tinha tido, com o seu colega brasileiro e compadre Procópio Ferreira; o distinto actor António Silva, recitou várias quadras, e finalmente o querido actor-empresário Erico Braga, disse com o sotaque português um soneto de Camões. Todos os artistas foram ao terminar os seus números freneticamente aplaudidos, seguindo baile até de manhã.

Pelas duas horas foi servido no salão de mesa da elegante residência, uma finíssima «ceia».

Na assistência notavam-se:

Dr. Adalberto Guerra Duval, embaixador do Brasil, dr. Abelardo Bueno do Prado, secretário da embaixada do Brasil, e D. Nahir Bueno Prado, Rafael Corrêa de Oliveira, delegado comercial e adido à embaixada do Brasil e D. Dina Corrêa de Oliveira, dr. Fernando Tavares de Carvalho, dr. Ozório de Oliveira e D. Raquel Bastos Ozório de Oliveira, Harácio de Carvalho, Procópio Ferreira, D. Maria Matos, Nascimento Fernandes e D. Maria Reis Fernandes, Erico Braga e D. Lucília Simões Braga, D. Ester Leão, D. Maria Sampaio, D. Maria Helena Mendonça de Carvalho, Jacaci Camargo, Paudiá Pires, George Lelorrain, António Silva, e Carlos de Vasconcelos e Sá.

Os ilustres diplomatas foram de uma cativante amabilidade para com os seus convidados que se retiraram gratíssimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

POR ÊSSE MUNDO...

Um penteado



A última criação em penteado é este lindo modelo que está alcançando em Hollywood o mais justificado êxito. Pretende resuscitar a cabeça de Venus de Milo.

Chicotadas



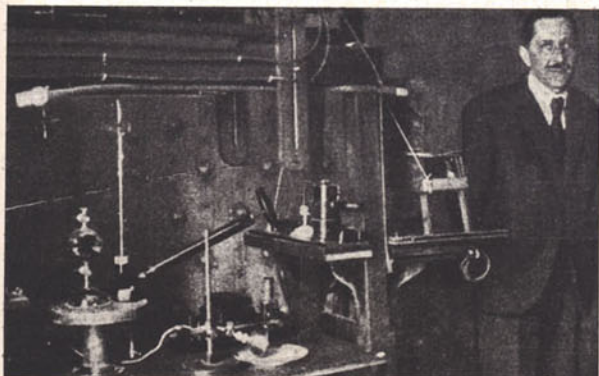
SEGUNDO um costume medieval, dez habitantes de Koepenick, na Alemanha, são chicoteados uma vez por ano, como estímulo dos sentimentos patrióticos. É evidente que se trata dum acto simbólico e não dum suplicio. A nossa gravura representa as vítimas. Não sabemos se o patriotismo adquirido assim será duradouro. Em suma: cada terra com seu uso.

Um campeão de gordura

UMA criança que ao nascer tinha um peso inferior ao normal, desenvolveu-se de forma tão espantosa que hoje, com três anos, tem o aspecto que a gravura da direita apresenta. Foi agora internado num hospital, onde os médicos procuram desvendar o segredo desta obesidade inquietante. Qualquer dia aparece como prémio duma farinha de boa marca... →

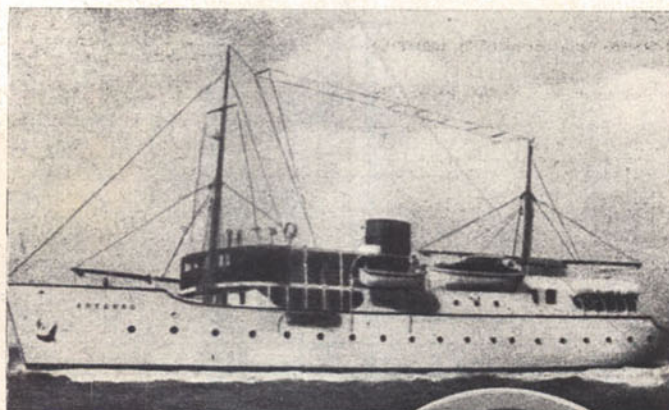
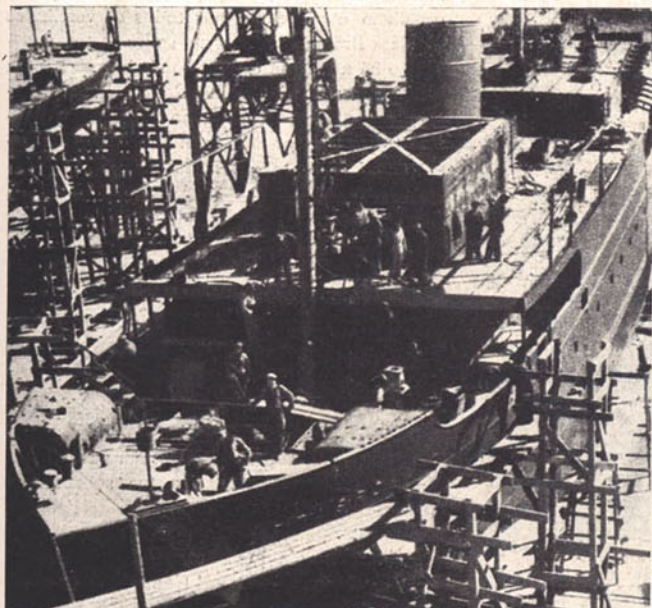


Um alquimista dos tempos modernos



DUNIKOWSKI, o engenheiro polaco que pretende ter descoberto a produção do ouro sintético, foi julgado há tempos da acusação da burla que lhe faziam os capitalistas que financiaram as suas experiências. Mas Dunikowski não se deu por vencido e prosseguiu nos seus trabalhos. Perante numerosos técnicos realizou há dias novas experiências que foram coroadas de êxito. A esquerda vê-se o inventor junto dos seus misteriosos aparelhos, e à direita, acompanhado pelas pessoas que assistiram às experiências. Assegura também ter descoberto «o raio da morte».

Uma expedição científica ao Amazonas



NA presença do chefe do Estado do país vizinho, foi lançado ao mar no dia 16 do corrente, o navio «Artabro», em que o capitão aviador espanhol Iglesias se propõe explorar o interior do Amazonas. O «Artabro» transportará nesta viagem 40 pessoas, entre os quais alguns naturalistas. O raio de acção do novo barco é de 3 000 milhas. Desloca 800 toneladas e atinge uma velocidade de nove nós horários. Foi construído de molde a poder navegar em águas pouco profundas. A' esquerda vê-se o «Artabro» nos estaleiros e em cima a maquette do novo barco.

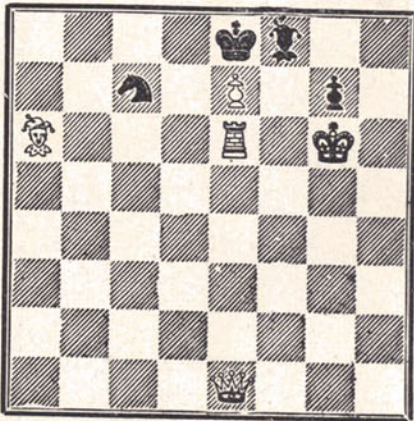
A humanidade não pára nas suas construções navais, aperfeiçoando-as de dia para dia. A Espanha, para não ficar atrás, vai fazendo o que pode. Bons tempos aqueles em que Espanha e Portugal, com as naus mais singelas, se aventurava às mais formidáveis descobertas que assombraram o mundo!

Xadrez

(Problema por L. Noak)

Branças 5

Pretas 4



Jogam as brancas e dão mate em dois lances

Bridge

(Problema)

Espadas — R., V., 8.

Copas — V., 6.

Ouros — ———, —

Paus — 8, 4.

Espadas — D., 10, 9, 4.

Copas — ———, O E

Ouros — ———, S

Paus — R., D., 9.

Espadas — 6, 5, 3.

Copas — D., 7.

Ouros — 10, 9.

Paus — ———, —

Espadas — ———, —

Copas — R., 10.

Ouros — D., 6.

Paus — ———, —

Trunfo é copas. S é mão. N e S devem fazer seis vasas.

(Solução do numero anterior)

S joga a Dama e o 9 de paus, baldando-se N ao Az e ao Rei de copas. S joga o 10 de copas baldando-se N ao 3 de ouros.



S joga o 9 de copas. Se O se balda duas vezes a ouros, N balda-se ao 2 de espadas e S joga em seguida e 3 de espadas. N faz o Valete e o Rei de espadas e a Dama e o 4 de ouros.

Se O se balda a um ouro e uma espada, ou a duas espadas, N balda-se ao 4 de ouros e firma o 2 de espadas.

Encontrar um provérbio

(Passatempo)

| | | |
|---|---|---|
| C | A | S |
| M | O | S |
| O | R | A |

| | | |
|---|---|---|
| L | H | E |
| A | R | T |
| C | A | L |

| | | |
|---|---|---|
| D | E | U |
| H | E | B |
| S | T | A |

| | | |
|---|---|---|
| A | M | U |
| P | A | R |
| B | O | A |

O passatempo consiste em sobrepôr, parcialmente, estes quadrados, uns aos outros, por forma tal que as letras que todos quatro, depois

de sobrepostos, deixem a descoberto, constituam um ditado português, naturalmente lido.

Desenhem os quatro quadrados em papeis separados, e procedam às necessárias tentativas, até conseguirem o provérbio exigido.

Da direita para a esquerda e vice-versa

(Solução)

Executam-se as trocas de pares de tentos, por esta maneira.

(1-7, 7-20, 20-16, 16-11, 11-2, 2-24),

(3-10, 10-23, 23-14, 14-18, 18-5),

(4-19, 19-9, 9-22),

(6-12, 12-15, 15-13, 13-25),

(17-21).

Os tentos encontram-se, assim, dispostos todos correctamente em 19 trocas apenas. Os números dentro dos parentesis representam, para cada um, um ciclo completo, em que se põem todos nos seus lugares próprios.

Escrevam-se os números conforme estão no diagrama original, isto é, pela ordem em que ali se encontram, e por debaixo dêles a ordem em que devem ficar, assim:

7 24 10 19 3 12 20 8 22 etc.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 etc.

Por aqui se vê claramente a construção dos ciclos, porque o 1 da fileira inferior troca com o 7 da superior, que lhe fica exatamente por cima, e assim por diante, até o ciclo se completar quando chegarmos a 24 debaixo de 1.

A popularidade de Roosevelt

O presidente Roosevelt é o homem que, neste mundo, recebe mais numerosa correspondência. Por essa quantidade de correspondência pode bem, todos os dias apreciar a evolução da sua popularidade: em março de 1933, recebeu 180.000 cartas, em agosto 450.000; e daí por diante o número foi aumentando rapidamente e atingiu, em dezembro, 540.000.

Têm mandado ao presidente piugas de malha, pudins e canetas de tinta permanente. Pedem-lhe conselhos íntimos e até receitas culinárias. Ele próprio responde, quotidianamente, a mais de 200 cartas; e os seus secretários que se espalham e aparecem por todos os vestíbulos da Casa Branca, carregam-se do resto.

Não há nenhuma estrêla do cinema que possa rivalisar com o presidente Roosevelt, em questão de popularidade. E, como até já mesmo declarações de amor lhe foram enviadas, Washington nada tem a invejar a Hollywood.

Anedotas

A um acusado de vadiagem pergunta o juiz:

— Desde quando está sem trabalho?

— Desde que tive a desgraça de perder minha mãe.

— E que idade tinha quando sua mãe morreu?

— Cinco meses.

—:—

Entre boémios que se encontram na rua:

— Então, essa é que é a tua sobrecasaca nova?...

— E' esta.

— E foi com ela que te casaste?

— Não homem de Deus! Com quem eu casei foi com a Carolina.

O humorismo inglês



LEWIS BARTHELEMY

TUDO É RELATIVO

A senhora: — Estes quadros estão muito bem colocados, justamente á altura dos olhos. Assim é que deve ser.

(Do «Punch»).

SAGRES



Aspecto do edifício na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

Seguros de vida em todas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

Obras de AQUILINO RIBEIRO

| | |
|--|--------|
| ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado..... | 5\$00 |
| ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado.. | 12\$00 |
| ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado..... | 12\$00 |
| FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados e Maga.) — 320 págs., brochado..... | 12\$00 |
| O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs., broch. | 12\$00 |
| JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias. Contos: A Catedral de Cordova, A inversão sentimental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal, No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) — 328 págs. brochado | 12\$00 |
| TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado..... | 12\$00 |
| VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado | 12\$00 |
| A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado... | 12\$00 |
| AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs., brochado | 10\$00 |
| MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado..... | 12\$00 |
| É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, — 304 págs., brochado | 12\$00 |

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

| | |
|---|--------|
| Sexo Forte — (2.ª edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . | 8\$00 |
| Braz Cadunha — 1 vol. br. | 6\$00 |
| Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. . | 7\$00 |
| Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. | 7\$00 |
| Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| Mudança d'Ares — 1 vol. br. | 10\$00 |
| Por terras estranhas — 1 vol. br. | 4\$00 |
| Manual de Medicina Doméstica, indispensável em todas as casas (2.ª edição), 1 vol. de 958 páginas, profusamente ilustrado, encadernado em percalina | 35\$00 |

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de **100:000** vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.
1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

| | | | |
|---|--------|---|--------|
| AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a cores, por Manuel de Macedo e Roque Gameiro. 3 vols. de 700 págs., cada, formato 28x19, broc. | 45\$00 | HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc. | 10\$00 |
| DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs., cada um, e 21 grav. broc. | 30\$00 | MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Júlio Berrilli</i> , ilustrado por Bonamore. Delicioso romance no género dos de Júlio Verne. 1 vol., formato 28x19, de 446 págs. e 51 grav. br. | 30\$00 |
| DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs., cada um, com 24 grav. broc. ... | 30\$00 | NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guiomar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc. | 10\$00 |
| EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de Rhadameh; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de Jorge Roux, 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas cores; formato 28x19 | 25\$00 | OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de Ribeiro de Carvalho, 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, imprensa a cores, broc. | 10\$00 |
| HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc. | 4\$00 | RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs., cada e 134 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc. | 45\$00 |
| HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de Guiomar Torrezão, 1 vol. de 250 págs. br. | 10\$00 | SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de Eduardo Noronha, 2 vols. de 220 págs., cada, broc. | 10\$00 |

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cerca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS

DE

CARLOS MALHEIRO DIAS

| | |
|--|--------|
| Cartas aos estudantes portugueses, 32 págs. | 2\$00 |
| A Esperança e a Morte, Crónicas, 230 págs. | 8\$00 |
| Exortação à Mocidade, 176 págs. do mais acendrado nacionalismo | 8\$00 |
| Paixão de Maria do Céu, Romance, 172 págs. | 10\$00 |
| O «Piedoso» e o «Desejado», 180 págs. | 8\$00 |
| Portugal-Brasil | 2\$00 |
| A Verdade Nua, Crónicas, 276 págs. | 10\$00 |
| Zona de tufões, 1 vol. de 596 págs. | 15\$00 |

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

ESTÁ À VENDA O

Almanaque Bertrand

para 1935

36.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas-
Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 págs., ornado de 524 gravuras, cartonado

10\$00

Encadernado luxuosamente

18\$00

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um livro destinado a grande sucesso

J. M. FERREIRA DO AMARAL

O PARAÍSO BOLCHEVISTA E... A MENTIRA

UMA VIAGEM À RUSSIA

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les Enfants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots — Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's Ladies Journal — The Lady Fashion Book — Die Dame, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Aceitam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

3 volumes de formato 18x28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de Roque Gameiro e Manuel de Macedo pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria; tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS

DE

JULIO DANTAS

PROSA

| | |
|---|--------|
| ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; | |
| br. | 8\$00 |
| — (1.ª edição), 1 vol. br. | 15\$00 |
| ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. | 1\$50 |
| ÊLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. | 2\$00 |
| UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. | 1\$50 |

POESIA

| | |
|---|-------|
| NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. | 4\$00 |

TEATRO

| | |
|---|-------|
| AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| CASTRO (A) — (2.ª edição), br. | 3\$00 |
| CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. | 1\$50 |
| CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| 1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. | 4\$00 |
| PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. | 4\$00 |
| PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. | 5\$00 |
| ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS
O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, todas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado, encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

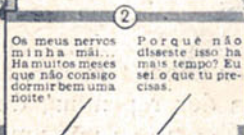
Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND—Rua Garrett, 73, 75—LISBOA

Como ela disse adeus à insónia

Noites após noites e o sono fugia-lhe... mas um dia aconteceu isto



A sua saúde e vitalidade... assim como a beleza do seu rosto... dependem principalmente dum sono regular e reparador. Mas nunca poderá gozar um sono natural se os seus nervos estiverem excitados ou cansados, O que lhe é necessário é tomar uma chavena de Ovomaltine antes do deitar.

Esta deliciosa bebida supremamente rica em alimentos restauradores — acalma rapidamente os nervos e o cérebro produzindo um sono tranquilo e reparador. E enquanto dorme, a Ovomaltine renova a sua energia e dá-lhe abundante vitalidade para o dia seguinte.

Qualidade acima de tudo—Exija

OVOMALTINE

restaurador natural do sono

à venda em todas as farmácias, drogeries e mercearias. Em latas de 9\$50, 18\$00 e 34\$00

DR. A. WANDER S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^a (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS, 41-2.^o — LISBOA